

PRINCIPIOS
DE
PHILOSOPHIA MEDICA.

THÈSE

PARA OBTER O GRAO DE DOUTOR EM MEDICINA

APRESENTADA, E PUBLICAMENTE SUSTENTADA

PERANTE

A

FACULDADE DE MEDICINA

DA

BAHIA

NO DIA 27 DE NOVEMBRO DE 1846

POR

ANTONIO TERRESTRA DA ROCHA

(NATURAL DA CIDADE DAS ALAGÓAS)

Socio effectivo das Sociedades : de Medicina , Instructiva , de Bibliotheca
Classica Portugueza , e d'outras da Bahia.

*Medicina autem in philosophia non fundata res
enfirma est.*

Bacon. De Augmento Scientiar. Lib. 4.



*I have neither servilely imitated, nor fastidiously
rejected the labours of my predecessors.*

J. Pearson.



BAHIA

TYPOGRAPHIA DE EPIFANIO PEDROZA,

Rua do Pão-de-Ló, casa n. 37.

1846.

FACULDADE DE MEDICINA

DA

BAHIA.

DIRECTOR.

O SR. DOUTOR JOÃO FRANCISCO DE ALMEIDA.

LENTES PROPRIETARIOS.

MATERIAS, QUE LECCIONAO.

OS SENHORES DOUTORES;

1.º Anno.

- M. M. Rebouças Botanica Medica, e principios elementares de Zoologia.
V. F. de Magalhães, *Presidente*. Physica Medica.

2.º Anno.

- E. F. França Chimica Medica, e principios elementares de Mineralogia.
J. Abbott Anatomia geral, e descriptiva.

3.º Anno.

- J. Abbott, *Examinador*. Idem.
J. da S. Gomes, *Examinador*. Physiologia.

4.º Anno.

- J. V. de F. A. Ataliba Pathologia interna.
J. de S. Velho. Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therapeutica, e Arte de Formular.
M. L. Aranha Dantas Pathologia externa.

5.º Anno.

- F. M. Gesteira, *Examinador* Partos, Molestias de mulheres peçadas, e de meninos recém-nascidos.
J. J. de Alencastre Medicina operatoria, Apparelhos, e Anatomia topographica.

6.º Anno.

- J. F. de Almeida. Medicina Legal.
J. B. dos Anjos Hygiene, e Historia da Medicina.
A. P. Cabral Clinica interna e Anatomia Pathologica annexa aos 5.º e 6.º annos.
J. A. de A. Chaves Dita externa annexa aos 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, e 6.º annos.

LENTES SUBSTITUTOS.

- M. A. dos Santos, *Examinador*. Sciencias Accessorias.
S. F. Souto.
E. J. Pedroza Secção Cirurgica.
M. M. Sampaio.
A. J. de Queiroz, *Examinador* Secção Medica.
A. J. Ozorio

SECRETARIO.

O Sr. Dr. P. J. de S. Brito Cotigipe.

A MEU PRESADÍSSIMO PAI,

MEU NATURAL E MELHOR AMIGO

O Sr. Major Manoel Casimiro da Rocha.

E A MINHA MUITO EXTREMOSA,

E MUITO QUERIDA MÃI

A Sra. D Joanna Maria da Conceição da Rocha.

Meu Pai, eis chegado o momento de se-realizarem as nossas esperanças, eis já vencida a nobre carreira, à que me votei..... E agora que olho para o passado, e considero no muito que vos-devo, agora que vejo cada momento da minha vida assignalado por um beneficio vosso, um sentimento indefinivel se-apodera de toda a minha alma, e me-tolhe os meios de vo-lo expressar; não é somente a voz da natureza, que me-falla ao coração, não é só a minha gratidão de filho, é tambem, Senhor, uma admiração de enthusiasmo pela vossa firmeza em vencer os grandes obstaculos, que se-oppunhão à minha educação litteraria; sim, meu Pai, que a vossa missão para com migo tem alguma coisa de mais sublime, que a missão de um Pai, de um Amigo, e de um Protector; perdoai se neste momento não acho termos para dar-vos um testemunho publico dos sentimentos, que vos-consagro. Permitta Deos, que a minha vida toda rotada a obedecer-vos, e servir-vos possa certificar-vos do que ora não sei exprimir.

E a vós Minha Mãi, Minha boa Mãi, que vos hei de eu dizer!... Formastes o meu coração, vós o-conheceis desd'o berço; lede o que elle contém, e desculpai o meu silencio, que não ha palavras na linguagem d' homem para expressar gratidão de filho a extremos de Mãi como vós; para tanto

*..... a lingua é fraca.
As grandes commoções não se-descrevem.*

A Meus Queridos Irmãos.

Em signal de amor fraternal, e de muita amisade, que lhes-tenho,

A MEU CUNHADO

O SNR. ANTONIO JOSÉ DUARTE SILVA BRAGA.

Amisade, e reconhecimento.

AOS AMIGOS DE MEU PAI, E MEUS AMIGOS

OS ILLUSTRISSIMOS SENHORES

DR. FRANCISCO ELIAS PEREIRA.
SILVESTRE DOMINGUES DA SILVA.

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

DR. MALAQUIAS ALVARES DOS SANTOS.

Dignai-vos, Senhor, de receber este pequeno signal de agradecimento do discipulo, que haveis honrado com a vossa amisade.

AO MEU AMIGO, E COLLEGA,

O ILL.^{mo} SNR. DR. ANTONIO JANUARIO DE FARIA.

*Que le livre tui soit dédié
Comme le cœur tui est dévoué.*
(Victor Hugo)

AO MEU COMPANHEIRO DE INFANCIA, E MEU PARTICULAR AMIGO

O REVERENDISSIMO SENHOR

FR. FRANCISCO DE SANTA GUILHERMINA.

AOS MEUS COLLEGAS, E AMIGOS

OS ILLUSTRISSIMOS SENHORES

DR. SABINO OLLEGARIO LUDGERO PINHO.
DR. ANGELO CUSTODIO DOS SANTOS.
DR. JOSÉ RODRIGUES NUNES.
JACINTHO PAES PINTO DA SILVA.
JOSÉ SESISNANDO AVELINO PINHO.

Senhores, a amisade, hoje tão rara, eu a encontrei em vós, pura, e verdadeira, como ella deve ser; aceitai do amigo esta offerta do coração, que vos elle faz.

A. Teixeira da Rocha.

À QUEM LER.

È de usança mui antiga, e por demais razoavel dizer alguma cousa antes de patentear o escrito, que se-offerece ao leitor; e não hei de ser eu, que me-afaste d'ella, respeitador como sou do que é d'antiguidade; mormente do que tem caracter de proveitoso, como essa conversa preliminar, em que pode o escritor dar os *porques* de sua obra, pedir venia por seus erros, e ministrar logo uma prova do que é, e do que vale. Bem util de veras é essa explicação anterior, como um rótulo collocado por sobre o portico do edificio, que nos-indica o que dentro hemos de achar; pelo que ahí vai tambem a minha conversa; o nome como quizerem, prologo, proemlo, ou o que for.

Por entre as difficuldades dos meus 23 annos de vida não conto como somenos a de fazer uma these, para chegar ao termo de meu viajar escolastico, que de tão longe venho seguindo, e receber por ultimo, em muito honrosa paga de tão afanoso lidar, a corôa da sciencia, e o titulo de *medico*, que diz traduzido aos factos — allivio, consolo da humanidade —; que é o alvo para onde de ha muito se-endireita o meu pensamento; e praza aos céos, que haja de o-conseguir. (1) Razões de muito peso vinhão a todos os momentos tirar-me da mão a pena de escritor, que só rascunhava em vez de escrever, e entibiar-me o ardor, com que em horas descuidosas me-afagava o amor proprio; assim que, desalentado ficára, e minguido de esperança, se não viera acordar-me os brios a imperiosa lei da necessidade, e a vista do tão desejado ponto, em que se-havião de realizar as esperanças fagueiras de seis annos de estudos; o que por só fôra bastante para infundir-me espiritos, como outr'ora a proximidade da terra promettida avivou forças aos caçados filhos de Israel. *Lignum vitæ, desiderium veniens* (2).

Verdade é que tinha em meu favor a escolha do *ponto* para escrever; mas que valia isso, se quando — estreme de vaidades — media o cabedal de minhas forças com a grandeza das materias, achava-me sem animo para embarcar-me em taes emprezas? Escolhia um ponto, para logo o-deixava; e assim com muitos, nenhum julgando ao alcance de minha intelligencia. Nestas agonias fiz como quem não pode evitar o perigo, e se-lança em meio d'elle; escolhi o mais difficil; errando dest'arte ao preceito do poeta, que diz:

Sumite materiam vestris qui scribitis æquam
Viribus, et versate diù quid ferre recusat,
Quid valeant humeri.

E, certo, que de mais difficil ha hi, e mais extenso nos dominios medicos do

(1) . . . miseris succurrere disco—Virg. *Æneidos*, lib 1, vers. 74.

(2) Prov. 13, 12,

que a *philosophia* mesma da sciencia, isto é, o coração d'ella, sua parte mais mimosa, sua vida enfim? Não foi porem sem alguma razão, que assentei de escrever sobre a *philosophia da medicina*; e a tal respeito já vou responder á alguma curiosidade critica, que por ventura possa estranhar meu ardimento: Bem sei que podia ir a um hospital, e escolher qualquer febre intensa, ou chaga repugnante, estampar-lhe os caracteres num papel, e manda-los ao prélo; com o que teria satisfeito a exigencia da lei; podia tambem cumpri-la escrevendo algumas proposições ou aforismos medicos (1); porem não quiz. Ha muito estou convencido de que sem methodo nada se pode conseguir nas sciencias. A historia da medicina cada vez mais roborou este meu pensar; e tendo eu de formar um methodo para derigir-me nos estudos medicos ao sair da Escola, onde Deos queira, que eu tenha aprendido a estudar, isto é, um meio seguro de achar a verdade; entrei a pensar, e escolhi o que me-pareceo bom; sobre elle escrevi, e dei-lhe o nome de *philosophia medica*; o porque se verá mais adiante. Acreresco tambem a esta razão não ter ainda ninguem se-lembrado de fallar d'este ponto aqui no Brasil; e quiz, sendo o primeiro, ter a gloria, não de trata-lo como elle merece, que não está em mim consegui-lo, mas de chamar a attenção dos sabios, e despertar os animos esclarecidos para lhe-darem todo o desenvolvimento, de que é susceptivel. *In magnis voluisse sat est*. Não me resolvi a copiar uma molestia do original porque, que havia de eu ver, que não tivesse ainda descoberto o olhar indagador dos grandes practicos d'arte? Que podia dizer de meu? Nada. E que ha de vosso aqui neste papel dirão por ahi; nada d'isto é novo. Está bem; novidades absolutas não heis de encontra-las talvez em parte alguma (2); porem ao menos neste ponto não fiquei reduzido á condição de simples copista, ou plagiario de palavras. Li o que me foi possivel achar na Bahia sobre *philosophia medica*, que se-limitou ao opusculo do Sr. Professor Bouillaud, e a uma these do Dr. Clarion, defendida em Montpellier no anno de 1826; li tambem outras obras diferentes; e pensando sobre o

(1) A respeito de theses em proposições, seja-me licito criticar escudado na razão a lei, que as-permite. E primeiro perguntarei:—quem estuda as materias todas do curso medico, e dá provas de sabe-las nos exames porque passa, está ou não *de facto* habilitado para curar? Ninguem responderá pela negativa; e pois a exigencia de uma these, que não é, e nem deve ser mera formalidade, como alguns pensão, tem por fim conhecer se o homem *douto* em medicina é capaz de sustentar a sciencia com a penna na mão. Não se deve enlazar se elle pode provar fallando, que a hysteria é affecção do utero, ou do cerebro; que a apoplexia é de tal, ou tal natureza etc. etc. Estas cousas supõem-se sabidas logo depois do exame das pathologias. O que se deve procurar conhecer é se o aspirante ao doutorado sabe escrever; se tem os requesitos proprios de escritor. Pode alguém mais ou menos bem emitir suas idéias oralmente, e não ser capaz de coordena-las num papel; o *estilo oral differo muito do estylo escrito*. Ora proposições destacadas, e sem commento para estela-las não tem quasi valor algum de prova; as palavras, com que seus autores as-defendem, perdem-se no recinto onde se dizem—verba volant—Não é com proposições, que as escolas se tem immortalizado. A sciencia de outros tempos de na la servira á de nossos dias se nos-tyvesse chegado assim aphoristica e secca. Ha uma excepção apenas para esse modo de escrever; é quando umas proposições são servidas de provar as outras; o que é mais um discurso, do que proposições como as que servem de these para o doutorado aqui nas Escolas do Brasil.

(2) Nihil sub sole novum. Ecclesiastes.

que achei, formei os meus raciocínios, e enunciei-os de maneira mais ou menos differente dos princípios originaes, de que elles emanão. É o que se ha de encontrar nesta these — *non nova sed nove* —. Não me-apresento como auctor; se bem que pudera justificar-me, se quisesse arrogar a mim a nobreza d'esse titulo, com estas palavras de um antigo escritor francez: *en changeant de forme on peut devenir auteur* (1), ou com um dos mais distinctos letrados de nossa epoca, o Sr. Carlos Nodier, o qual diz, que só pela forma podem as cousas ser novas (2). Aqui não vai só a forma mudada; ha demais alguma cousa. Sei, que esta declaração não contentará á muita gente por ahi, que não pode lançar os olhos num papel, que não seja *classicamente* original; dando a tudo mais um sorriso de escarneo, que *as mais das vezes é signal de leveza de engenho e superficialidade vaidosa, de que Deos nos-livre por sua infinita misericordia*, como diz o Sr. Alex. Herculano (3). É mais não reparão, que só elles são verdadeiros originaes com suas exigencias deslocadas de um pobre escrito, que ahi vai a cumprir deveres, só, desacompanhado, sem precedencia alguma, que o-recommende por meio d'essa tempestade de criticas de todas as cores, qualidades, e tamanhos; criticas ruins, quasi sempre, com as quaes não tenho conta; que as boas, essas abraçarei eu de todo coração para corrigir meus erros de principiante, e muito agradecido lhes-ficarei.

Uma palavra a respeito do estylo. Conheço que não tenho esse estylo fluido, e classico, de cunho puritano, hoje por bom tão acolhido, e tão da moda entre os conhecedores das bellezas, e louçanias da lingua de Camões, tão ligada com a latina (4) que melhor deveramos estudar por amor da nossa, a qual mesmo assim já está quasi ao todo vingada das invasões, que lhe-havia feito o gallicismo; graças aos illustres, e incançaveis representantes da moderna litteratura portugueza, que expurgarão-na das estranhezas, que o brilho lhe-ofuscavão. Durante este tirocinio para mim tão trabalhoso, e difficil — attenta a capacidade do engenho — tempo não me-sobrou para entregar-me com perseverança ao estudo dos classicos, e excellentes originaes, em que abunda a nossa lingua; assim que, vai este meu papel em uma linguagem, que nem sei como classifique; e muito por má vontade, pois que o estylo é que dá boa recommendação mesmo ás materias mais vazias de interesse; assim como faz quando é má diminuir de muito o merito real da obra. Só a mercê de um bom estylo se pode ser em todos os tempos muito lido, diz o Sr. Dr. Barbosa de Oliveira (5) cuja autoridade prezo-me de invocar em materia de linguagem. E como o conhecimento profundo da lingua portugueza, e o verdadeiro estylo classico não é cousa, que se-adquira de um dia para outro, só por ter lido a *Chronica*

(1) Citado na these do Dr. Manoel Feliciano Ribeiro—Montpellier. 1841.

(2) Dans toutes choses désormais rien ne peut être nouveau que par la forme.—C. Nodier, *Traité des notions élémentaires de linguistique*.

(3) V. a Illustração. V. 1. Art. o Gallego.

(4) E na lingua na qual quando imagina.

Com pouca corrupção crê que é latina.

Camões, Lusiad; 1. 33.

(5) V. o Guaycurú n.º 188 d'este anno de—46.

de S. Domingos por Fr. Luiz de Sousa, ou a *Historia do Futuro do Padre Antonio Vieira*, e nem o prefácio d'esta, ou d'aquella obra classica; senão que demanda muito tempo, muita assiduidade, e muita habilidade, e talento de imitação, antes quiz apresentar estas minhas phrases assim mesmo desregradas do que andar aqui, e acolá a mendigar palavras bem redondas de som para compor com ellas *um manto de mil cores*, ou *um monstro de linguagem*; não quiz isto, que sempre me-cheiroa ásnice rematada andar um homem em busca do pensamento para metê-lo nas palavras. É melhor o que está do que um composto de *soêr, quicá, asinha*, e outros quejaudos termos, encaixados a martello, e mal a proposito.

Ao terminar d'estas linhas, que já vão excedendo os limites permittidos, não deixarei de pedir de novo benevolencia para este meu primeiro escrito, visto como não seja elle nascido de fatuo desejo de escrever, porem e somente do dever, que me-impõe a lei, ao qual não me-podia ferrar. Ahí vão sem duvida muitas imperfeições, e grandes lacunas, que me não foi dado prehencher; mas tãobem um desejo immenso de acertar—si deficient vires, audatia certe laus erit. . . Isto é um tributo, e não prova de ostentação; é o rascunho do discipulo, e não quadro de mestre. Inda mais e por ultimo um pedido sincero: não cuide ninguem achar na ingenuidade de minhas expressões ao confessar-me fraco a phisionomia de falsa modestia encobriendo a segurança do orgulho; e nem por suspeita se-tenha como propria esta confissão, que ora faço; pois que é facil a cada um por si mesmo inteirar-se da verdade, lendo o que ahí vai escrito, ou ouvindo o que de viva voz possa eu dizer; que a lingua, e a penna ao pensar de um santo dão bem a conhecer o entendimento do autor. *Mentem hominis calamus et lingua pandit* (1).

(1) S. Ambrosio tom. 5.º epist. 29.

O QUE É PHILOSOPHIA MEDICA?

A dissertação, que vai se-ler, é como diz o titulo sobre—*Principios de Philosophia medica*; e por ser muito de razão conhecer bem o objecto, que tem de occupar-nos, e seus limites antes do começar da obra, apressome em dizer o que entendo por philosophia medica; e tambem porque algumas pessoas, a quem tenho feito parte d'esta minha these, ficão com ares de muito espanto, e me-derigem perguntas, que ao claro mostram a ideia errada, que tem a respeito do assumpto d'ella. De conformidade pois com o antigo costume de estrear pela difinição o livro, que se-publica, d'ella fallarei de principio.

Philosophia diz á leta—*amor da sabedoria*; e nesta accepção, que é a mais extensa, abraça todos os conhecimentos humanos, todo o emprego de intelligencias. Sem tomar parte na controversia dos philosophos, e suas dissensões sobre a significação do termo, apenas direi o que todos num coração tem assentado certo: que philosophia é o conhecimento das verdades; que dá os meios de chegar a ellas, e contem-nas todas. Innumeras e mui variadas são as que nos importa saber; e por que um caminho só não, pode ir dar a todas, é mister no vasto campo das sciencias seguir diferentes veredas, empregar diversos meios, consoante cada um com o fim, que se-deseja; e do qual toma a philosophia o nome. Assim é que a philosophia do *eu*, que estuda a causa pensante, se-chama philosophia d'alma, que outros dizem psychologia, ou philosophia elementar, por que serve de base a todas as mais, que não são senão applicações d'ella. Assim é que se-diz philosophia chimica a parte d'essa sciencia, que trata das verdades chemicas. Assim é tambem que eu chamo *philosophia medica* a applicação da philosophia geral á medicina, e o que ha de verdadeiro nella.

Para ter-se exacto conhecimento de uma sciencia é necessario saber tudo que ella possui desde seu comeco; além de que analysando cada uma das phases porque tem passado, se-chegue comparativamente a estrear o certo do que é duvidoso, a verdade do erro. Assim devera eu subir á origem da medicina, folhear-lhe a historia, e ir marcando em cada uma de suas paginas o resultado do juizo, que fizesse. Esse trabalho ao passo que desse exacta conta da sciencia de hoje, (1) mostraria o que se deve conservar como modelo; e

(1) Em 1842 dizia em França o Sr. Conde Beugnot na camara dos Pares (sessão de 8 de Junho) « L'état reculé d'une science est le produit (comme vous le savez) de toutes les révolutions successives qu'elle a subies; et il est impossible de se rendre compte de son état définitif, si on n'a pas une connaissance des vicissitudes qu'elle a éprouvées. »

indicando o que resta fazer para descobrir verdades novas, nos afastaria dos erros, em que caíram nossos antecessores. Tal devia de ser o principio de um methodo seguro para a *verdadeira* philosophia medica; mas bem se está vendo, que não é o angustiado espaço de uma these lugar sufficiente para obra tão gigantesca; nem trabalho de tão alto quilate se-compadece com minha fraca razão, que mal pode percorrer muito ao de leve os vastissimos dominios da encahecida medicina; e inda assim lhe-fallecem forças para medi-los, e avalia-los. Houve demais a impedir-me a impossibilidade, em que estou, e contra a qual vão dar os principiantes todos, inda os que a natureza herdou de esclarecido engenho, de ajuizar ao certo de seitas e opiniões medicas, que só podem ser legalmente julgadas no tribunal da practica, que é o de que carecemos nós outros estudantes ao deixar os bancos da Escola. A primeira parte de um tratado completo de philosophia medica deve ser a critica da medicia de todos os tempos;—mas isso não é para aqui. Li, e arrazoci como pude da historia medica; e do que colligi aventure-me a dar uma prova, emittindo a seguinte proposição, que sem duvida não é nova, mas pela qual eu sou agora o responsavel; e vem a ser: *que nenhum dos systemas, que tem reinado em medicina é absolutamente verdadeiro*. E sendo, como me-parece, certo este dizer, claro está que os esforços todos se-devem empregar em procurar o que até hoje tem escapado á sagacidade da razão. Essa poderosa alavanca, que remove os obstaculos do carreiro scientifico, entrevista na antiguidade pelo pai da medicina, foi depois quasi sempre desprezada, ou mal empregada até a epoca, em que o chanceller Bacon inscreveo no estandarte das sciencias a devisa, que hoje liga todos os naturalistas: *non fingendum aut excogitandum quid natura faciat sed inveniendum*.

Nos annaes da sciencia antiga o dominio da imaginação é vasto e brilhante, o dos factos positivos acanhado, e esteril. Uma das mais proveitosas verdades, que o nosso seculo tem produzido, é a convicção profunda de que a observação, e o raciocinio são os unicos meios de estudar a natureza. Este conhecimento já não é pouco; é a base do methodo, que se-applica ás sciencias naturaes; e que igualmente serve para a medicina, que sciencia é, e sciencia natural pela descendencia, e pelo emprego, *Duo sunt præcipui medicinae cardines*, dizia Baglivi *ratio et observatio*; e pois é da *observação* e *raciocinio* medicos que me hei de occupar nesta these; e muito em geral; por isso dei ao meu trabalho o nome de *principios*, ou rudimentos, o que se pode dizer mais pelo alto a respeito do objecto de que trata.

Eu disse, que philosophia medica é a applicação da philosophia propriamente dita á sciencia medica; e posto que a necessidade d'essa união seja a todos patente, julguei com tudo, que convinha apresentar algumas considerações a isso concernentes; certo como estou de que em cousa de tanto momento nunca se diz muito, porque nunca se-diz bastante. —

REFLEXÕES PRELIMINARES

A CERCA DA NECESSIDADE DE APPLICAÇÃO RIGOROSA

DA

PHILOSOPHIA À MEDICINA

Le progrès des connaissances humaines n'a été retardé, que parceque les hommes n'ont ni assez connu leur esprit, ni assez senti le besoin de l'exercer.

(Condillac, Discours preliminaire du cours d'études.)

Ha no coração do homem um espaço vazio e tamanho, que não bastão para enche-lo as grandezas todas d'este mundo, e nem ainda o vago phantasiar de ardente imaginação; e logo perto d'elle um desejo interminavel de possuir cousa, que anda sempre a fugir-nos, como um protesto vivo e constante contra esta nossa felicidade de homens; que não ha te-la perfeita cá na terra por entre os males, que se-annexão á nossa triste existencia. Santo signal de alliança é esse sentir do coração, essa continua tendencia para o perfeito, como um longo aspirar de felicidades, que, não contente com o prosaico das realidades presentes, está sempre a almejar as poeticas imagens, que antevê no futuro, como um céu de venturas. Ao desenganar-se o pensamento, que lhe-não é dado achar por entre o que é terreno a satisfação d'esse desejo, vóa para longe da esphera commum; e em balde busca attingi-lo em quanto encerrado existe nas prisões corporeas; que por demais pesada é a materia para subir tão alto; sim, que apenas logrados os primeiros intentos na fruição dos cubiçados prazeres, mil outros se-apresentão neste mar tempestuoso da vida, onde se elles succedem como vagas em furioso oceano. E não se-cauça o espirito, e não enfraquece, e nem lhe-serve de embargo a lousa fria de um tumulto! Ah! fica o que é mes pinho; ah! se-termina a viagem do peregrino da terra; e d'ahi começão cousas d'alem vida. . . . Vem-nos com a existencia a esperança, como um anjo de bondade a esteiar-nos a vida com o balsamo anodyno das feridas do coração. (1) Esperança! . . . mystica palavra de allivio, que abriga todas as dores, anima todo o trabalho, consola toda a desgraça; sagrado

(1) *L'esperance*

.... anime nos cœurs enflame nos desirs.

Et même en nous trompant donne des vrais plaisirs;

Mais aux mortels chéris à qui le ciel l'envoie

Elle n'inspire point une infidèle joie;

Elle apporte de Dieu la promesse et l'appui;

Elle est inébranlable et pure comme lui.

(Voltaire, Henriade C. VI.)

vinculo, que une do céo á terra o Creador, e a creatura, e nos-aponta para o summo gozo da bemaventurança —lá onde se-extingue o desejo— no seio de Deos, d'onde partimos; sejaes bemdita! Guai d'aquelle, que a-tem perdido; que o coração vazio de crenças, secco, e mirrado, como uma cousa morta, só tem lugar para o suicidio. (1) Todos os feitos humanos são dirigidos por essa influencia innata, como uma logica mysteriosa, que tudo aconselha para o bem; mas infelizmente para nós, que abusamos da liberdade, as paixões, os preconceitos, e todas as desordens da vida pervertem a indole da boa inclinação; e antepõem-nos em vez do bem males de toda especie, crimes, e horrores, cobertos com as vestes da perfeição; que ninguem pratica o mal, senão porque espera achar nelle prazeres, que julga perfeitos. Erro miseravel e digno de dô, que após instantes de falso contento deixa um futuro todo inteiro de dores, e amarguras! . . . O prazer do mal é como a luz do raio, que aclara um só momento, e deixa em troco destruições, e estragos. . . . Cumpre pois tomar de mira o verdadeiro ponto, que leva á perfeição, afim de evitar os males de duvidas, que andarão errando os que ante nós forão; como cousa, em que se ha de cifrar a missão civilisadora dos seculos. A cargo das sciencias estão complemento de tão grande obra; que só ellas, apezar do dizer de Rousseau(2), são as unicas luzes capazes de afugentar as trevas, que nos o espirito assombrão. A historia, que contem as scenas do drama da vida, nos-indica os erros que hemos de evitar; e como uma voz, que o tempo deixa no espaço a dizer couzas do passado, traz a nossos ouvidos o murmuro frio, e desbotado dos feitos d'outras eras, e apresenta-nos em suas paginas o quadro do genero humano, complexo, heterogeneo, de mil diferentes cores, brilhante, e escuro, magnanimo e baixo, grande e pequeno, admiravel, e execrando! quadro sobremodo digno de occupar o pensamento do philosopho; e que mostra o homem com todo o seu composto de crimes, e virtudes, verdades, e erros, sublimidade, e fraqueza; quadro de contradicções, scena eterna da vida, que continuamente se-representa em todos os tempos, e lugares!! . . . E quem bem ler, e melhor interpretar verá no meio de tão encontradas cores a figura cega da ignorancia de aspecto duro como uma lição da experiencia, triste como um dia de funeral; e se de longe em longe apparece a brilhar no escuro do quadro a luz da verdade, como estrella em noute de cerração, é que a-formou a philosophia, essa filha do céo, sciencia das sciencias, que nos-dá a conhecer nosso verdadeiro destino.

Não basta saber, que o espirito, ou a intelligencia é a causa difinitiva de todos os conhecimentos humanos; é de grande urgencia conhecer a fundo as operações d'esse principio, ou causa pensante, e estudar a sciencia do entendimento, a *physiologia intellectual*, ou *psychologia*, como a que abre a porta a todas as outras.

A historia das sciencias falla bem alto em favor d'esta verdade; tudo que

(1) Uma vez perdida a esperanza nada mais nos-resta cá em baixo senão a morte, diz o Sr. Visconde d'Arincourt na sua *Hervanaria*.

(2) Todo mundo conhece a dissertação, em que pertendeo provar a inutilidade das sciencias o celebre J. J. Rousseau; essa especie de animal, que se-meteo a escrever de educação, na phrase do Sr. A. Feliciano de Castilho.

ellas tem de certeza devem-no á philosophia sã; e só o abuso d'ella, a falsa philosophia é que deo lugar aos erros, e desvios, que estão registrados em seus annaes. E se nas outras sciencias é isto uma verdade incontestavel, quanto mais na medicina, que melhor que todas entende mais de perto com o homem, tem mais que ver com suas precisões, e com as necessidades da vida? O desejo de acertar na sciencia das molestias não é d'agora; é coevo da especie humana; nasceo com a primeira dor a necessidade de remedia-la; e ao comprehende-la todos a uma trabalharão por achar as verdades medicas, desde as primeiras dignidades da terra, sentadas na altura dos thronos, (1), até a vida mais esquecida a gentes as dores da afflicção junto ao lar da choupana. As mãos que sustentavão o sceptro, as que servião á Divindade, e as que tiravão da lyra torrentes de harmonia celeste não se-desprezavão de curar a ferida immunda, e nojenta do pobre, e arranca-lo ás garras da morte, que de perto lhe-acenava para as negruras do tumulo! A historia está cheia de nomes illustres do que ha de mais respeitavel, de reis, padres, e heróes, que repartirão parte da vida com o estudo da medicina; não que descessem de sua elevação, senão que mais subfrão chegando-se á ella; que nunca o homem é maior, nem mais sublime, do que quando soccorre a seus semelhantes no que ha mais de estimar-se (2), como indispensavel condição para cumprir seus destinos. Santa é a missão da sciencia, que semelhante á religião de Christo, não reconhece grandezas, nem desconhece pobreza; no homem que a-reclama só vê o doente, e d'elle só ouve a voz da dor, e a linguagem dos gemidos. Para ella as bençãos dos homens; á seus ministros honra e veneração (3). A perseverança e infatigavel constancia, com que em todos os tempos se procurou desviar o erro da nossa sciencia, de sobrejo provão quanto deve trabalhar a philosophia por alcançar-lhe as verdades. Se ha hi sciencia, á que toda a philosophia sã não é de sobra, é a medicina, tão nobre, que a nenhuma é segunda, tão antiga, que se lhe-não conhece o berço (4) tão complexa, tão difficil, tão urgente como é, tão nociva

(1) *Ab regibus quoque corpora mortuorum ad scrutandos morbos inscabantur.*

Plinio.

(2) *Homines ad deos nulla re propius accedunt, quam salutem hominibus dando.*

Cicero pro Marcello.

(3) E de verdade (diz o Sr. Ferreira Braga) é a caridade clinica a genuina feição, porque no mundo nos-parecemos com a Divindade; e assim bem está na razão o quinboar-lhe as honras, e idolatria. — *Pathologia Ger.* p. 277. Porto 1840. — *Nam uti scientia medica aliquid habet divini, ita ipsa medici persona sancta est et venerabilis, quippe qui et ægotanti auxilio et circumstantibus solatio esse solet, et velut numen de cælo delatum afflictis parentem, uxorem, filium, sororem, amicum, concludens jam et pæne perditos restituit. Quid vero vita est preciosius? Quid divinius quam homines servare?*

Martius, *Syst. Materiæ Medic. Vegetabil.* Brasiliens.

(4) Em balde se tem afaligado as historias por saber onde teve origem a medicina, que não ha meio de conseguilo, a não quererem subir ao principio do genero humano. A medicina não tem patria, não teve inventor. O mesmo instincto, que levou o primeiro homem a procurar alimentos para sua conservação, também lhe-ministrou o remedio para aliviar a primeira dor. Com razão Plutarco a-chama *presente dos deoses*; que de feito, cousa de tanta utilidade só do céu podia vir. A respeito d'ella se-exprime assim o Sr. Dr. Barbosa de Oliveira no prologo de sua these inaugural: os beneficios d'essa sciencia de tal guisa etivárão a pagãos, judeos, e christãos, que todos a uma apontão para o céu, quando lhes-cadagão o berço da bemfeitora.

em seus erros, quão útil em seu acertar. Não é cousa para ter-se em pouca conta a verdade em medicina, senão muito primeira, muito capital; é questão de vida e morte, de que não ha fugir; todos os cuidados lhe-são devidos pois

Trata-se aqui da humanidade afflicta;

Exige a natureza os seus direitos. (1)

Um erro em medicina, um raciocinio falso, fundado em bases hypotheticas, embora mui seductor, e adornado das galas da eloquencia, não fica com o individuo que o commette; na applicação é como uma sentença de exterminio, como maldição; é a peste lançada em meio dos homens, que pode ceifar milhões de vidas. Nas outras sciencias o erro pode ter, e na realidade tem consequencias tristes, mas pela maior parte remediaveis; as consequencias do erro em materia de medicina são deploraveis, sem remedio, é a morte. E senão ahí estão os systemas, os exclusivistas, não digo em tudo, mas em grande parte, que de males, e horrores não tem elles causado á sociedade, por quererem reduzir já *antes de tempo* os factos medicos á singularidade, á uma lei unica, que os presida todos, o que com quanto provavel, inda não tem fundo de certeza? Quanto mal, de verdade, não tem feito os innovadores querendo sujeitar as immutaveis leis da natureza ao calculo de seus gabinetes, e aos afagos de seu amor proprio? Inumeros; e tudo isso a não ser por má fê, ou vontade de singularizar-se, é devido a raciocinios mal formados, á falsa philosophia. E não só d'agora; de mui longa data é esse mau costume; responde-o a historia da sciencia. Se todos os homens tivessem boa logica sem duvida desaparecêra d'entre nós o erro; mas que monta esta supposição? Que da realidade e quando? Nunca. . . . O erro é um dos legados do triste genero humano, que nos-deixou aquelle malfadado fructo, tão bem vedado, e tão mal appetecido! Os maiores homens tem sempre seu lado fraco; ainda mesmo quando se-elevão muito acima do nivel dos outros, lá se lhes-nota um ponto, em que estão de igual com elles. Pythagoras, o philosopho por excellencia digno do nome de sabio, que os seculos lhe-tem dado, com razão tão clara, que bem pudera orgulhar-se de ser o principe das sciencias em seu tempo, tinha a mania de suppor o universo formado por combinação de numeros, e tudo dependente d'elles! E entre os modernos? Seria um nunca acabar se eu quizesse referir os absurdos, os erros de lesa razão, com que andão por ahí a maltratar a gente. . . .

A historia da medicina tem apertados vinculos de parentesco com a da philosophia; nascidas juntas, crescendo á sombra dos mesmos pricipios, em tempos, em que a capacidade dos philosophos devia abranger, e ao certo abrangia os conhecimentos todos; — não que as capacidades d'então fossem superiores ás de hoje, porem, e certamente porque a massa de conhecimentos d'aquelles tempos era incomparavelmente menor do que em nossos dias —, davão-se elles ao estudo da medicina (2) mais por especulação do que

(1) Bibliotheca brasílica n.º 8. Cartas Chilenas.

(2) Tão necessario julgãõ os antigos o conhecimento das funcções do organismo para esclarecimento das pesquisas sobre a natureza d'alma, que ao estudo d'ellas entregãõ-se todos

para praticá-la; e então tinha ella todas as cores da companheira, e seus principios erroneos. E assim se foi conservando por longo tempo, sempre envolta em duvidas, até que appareceu a brilhar em seus horizontes um d'esses homens, que a natureza só produz depois de trabalhos seculares — *Hippocrates*, cujo nome tem enchido vinte e dous seculos, e continuará a ser de admiração até o fim das eras, honrado com o merecido titulo de divino. O sublime genio do velho de Cos conheceo, que não ia bem a medicina assim unida, e sempre de par com uma philosophia toda hypothetica, especulativa, e sem bases; divorciou-as, não em tudo, que o não pudera razoavelmente fazer; mas libertou a medicina do senhorio exclusivo da philosophia, conservando somente d'esta o que é necessario para existencia d'aquella (1). E Hippocrates obrou como sabio; não tirou da medicina a verdade, e a pureza da boa philosophia, essas conservou-as elle, porém sim o erro e a philosophia duvidosa, que servia de obice ao progresso da sciencia. Ao reconhecer, que não erão de proveito, e só de embaraço ao augmento d'ella as especulações dos philosophos, á que elle mesmo tambem se tinha dado, abandonou-as; que lhe roubavão ellas um tempo precioso para o estudo das molestias. Conheceo que o campo da vida não era assaz largo para accomodar os conhecimentos todos—*vita brevis*—e que a medicina de per si já era demasiado longa para uma só existencia—*ars longa*—; entregou-se por tanto á observação, que bem conheceo ser á base principal em sciencias naturaes, sobre que o raciocinio tem de firmar-se para depois formar o corpo de doutrina, o systema scientifico, e mesmo a collecção de preceitos, que hão de servir a outros fins. (2) Foi elle, que lançou os verdadeiros principios da medicina philosophica sobre a origem de nossas ideias. Não passarei adiante sem fazer aqui a declaração de minha opinião á cerca d'essa origem, por ser necessaria para intelligencia do que segue.

Parece-me, que muito á letra se-tomou aquella sentença de Aristoteles, que diz: *nil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu*. Não é muito de crer, que o philosopho exprimindo-se assim tivesse em mente só o que parte directamente dos sentidos; e seria erro hoje inadmissivel a defesa da proposição interpretada d'esta maneira; porem entendo, que andar á certo quem disser *directa* ou *indirectamente* (e chamo attenção sobre este indirectamente). Por esta ultima palavra pretendo explicar as ideias ditas metaphysicas, de relação, que considero sempre consecutivas ás que tem origem nos sentidos. Tanto mais perfectas forem as ideias, que principião por impressões, tanto mais numerosas, e perfectas serão as relações, as ideias metaphysicas, que resultão

os grandes philosophos desde o tempo de Pythagoras, que foi o primeiro a casar a philosophia com a medicina. Foi medico esse grande homem, seus discipulos o forão tambem. Empedoclo, auctor da theoria dos quatro elementos, Pausanias, Diagoras, Heraclyto, Democrito, e depois d'elles Platão, Aristoteles, Zenon, e outros muitos estudarão medicina.

(1) *Hippocrate ne voutut pas toutefois abandoner entièrement la philosophie; il en retint les vues les plus générales sur l'origine, et le développement des choses, ainsi que la méthode dialectique, car il tenait beaucoup à ce qu'on resonait juste en médecine.*—Broussais. Exam. das doutrín. medic. v. 1. p. 12.—Paris 1829.

(2) *Notatio naturæ, et animadversio peperit artem.* Cice. de orat.

d'aquellas primeiras submettidas ao raciocinio. E para que ninguem se admire do que acabo de afirmar; já lhe adianto, que não chamo sentidos aos cinco somente á que de ordinario se dá tal nome; comprehendendo nessa palavra todo o aparelho nervoso, todo o órgão, que é susceptivel de transmittir ao cerebro a impressão recebida. Sem entrar em prova dos princípios, que aventurei por não vir cabida nesta dissertação, e sim nas obras de psychologia limito-me a dizer, que essa é uma de minhas convicções, que trouxe ao papel por ser cousa indispensavel para firmar o edificio d'esta these. Bem vejo, que o philosophismo exaltado irá tomar-me por materialista, e sem mais exame fulminar o meu modo de pensar; sei muito bem, que esta não é a doutrina corrente de muitos philosophos da epoca; e que tenho de encontrar-me talvez com mui fortes campeões para o combate das provas; mas não recuo, quando supponho a razão pela minha causa, nem diante de nomes illustres, nem de censuras, nem de cousa alguma; eu fallo como medico, e como quem só procura a verdade, sem ter conta com as conveniencias systematicas do tempo. Já estou cansado de ouvir dizer todo o dia, que sensualista é materialista, que esta doutrina dos sentidos condaz ao nada, que é ultrage á razão, que é a morte das crenças &c. &c. Ora como a ideia de materialismo causa-me asco, e horror, quero repellir para bem longe de mim uma tal accusação; e digo alto e bom som, que não acho repugnancia alguma entre o espirito; e a seita sensualista; e que na opinião, que defendo nada existe, que encontre a santidade de nossas crenças. Ninguem é mais espiritualista do que eu; espiritualista por princípios de educação, e por convicção de estudo procuro a verdade, e meu unico desejo é achá-la; se vou transviado mostrem-me a seada, que conduz á ella, mostrem-m'a claramente com razões de valor, e lá me verão correndo para ir busca-la. Espiritualistas existem tão do extremo, que chegam a negar, quem o-acreditára! o concurso do cerebro no acto do pensamento! como ainda em 1841 escrevia um professor em Paris, chamando materialista qualquer opinião diferente (1). Ha muitos, que dizem ser nocivo o estudo do organismo ao da psychologia, e eu já o-ouvi de um professor de philosophia; mas quem há hi com uns longes sequer de conhecimentos naturaes, que não esteja vendo em semelhante disparate o desejo de se-livrem de um facto incommodo, que não podem explicar na ignorancia, em que estão da natureza? Não ha nada mais facil do que negar o que se ignora, embora seja evidente para outros. A maior parte dos que escrevem de psychologia ignorando as funcções do organismo só procurão argumentos capciosos, e especulativos para enredar, e illudir a razão, que a pezar d'elles grita bem forte contra esses sonhos de phantasia, que elles se esforção em realizar com razões, e minucias trazidas *ad hoc*. Lêem-se esses auctores de philosophia, espiritualistas de *essencia*, exclusivos, e fica o espirito suspenso, atordoado e como perdido no meio de um labyrintho de argumentos, que não satisfazem, que escurecem longe de aclarar a verdade; ao contrario quando se lê o philosopho observador, que estudou a natureza, que folheou no livro aberto do cadaver, e conheceo as relações, que tem o homem moral com o homem physico, a convicção desce

(1) *Vid. Cerve malades nerveuses*. Na introdução. Paris 1842—

ao espirito, e uma voz intima da consciencia nos-diz, que a verdade está ali. Eu appello mesmo para esses taes, que não querem saber do organismo; digão-me elles com sinceridade se no calor do argumento, se na paz da reflexão não ouvem a voz tremula e incerta da duvida a dizer-lhes ao ouvido: quem sabe? quem sabe? Enfim eu já declarei, que não era este o lugar proprio para tratar de tal materia; e nem devo entrar aqui em polemicas metaphysicas, sempre interminaveis. Se não me-entenderem, pensem como lhes-aprouver, que eu ficarei com a minha opinião, em quanto a-tiver por verdadeira, e irei repetindo as palavras de Diderot: « Il n'appartient qu'à celui qui a pratiqué la médecine « d'écrire de la métaphysique; lui seul a vu les phénomènes, la machine tran- « quille ou furieuse, faible, ou vigoureuse, saine ou brisée, délirante, ou réglée: « successivement imbécile, éclairée, stupide, bruyante, muette, léthargique, vivante ou « morte. » Dito isto passemos adiante. O methodo é a unica bussola, que regúla nesses mares de duvidas, que zombão do saber humano; e nunca o-possuiremos nós se não formos pedi lo á philosophia. Muito mais adiantadas por sem duvida andarião as sciencias, se houvessem tomado a peito procura-lo com afincio. Sem methodo poderemos sim ter os materiaes necessarios para a feitura de preciosas obras, mas confundidos, misturados, em desordem (1), e não poderemos separa-los. Que vale a observação sem elle? Conhecimentos soltos, e dispersos sem um laço de ordem, que os-ligue nunca chegarão a constituir sciencia; e em vez de servirem de base, em que se ella tenha de fundar, empecem-lhe o progredir num labyrintho confuso de trevas, de que não ha sahir senão abandonando-os de todo, e tornando a começar da origem com elle, e só com elle, como o fio de Ariadne para se não transviar. Bacon já o-havia dito lá do seu meditar profundo sobre a philosophia natural, a quem deo o ser de filha, que muito do coração amou, e recommendou. (2) Se antes d'elle a sciencia do homem pouco augmentou, não obstante sua importancia tão conhecida da antiguidade, que a-estimavão primeira, e mais necessaria, e recommendavão-na como cousa, que se-devia de ter sempre em primeira ordem de occupaões, inscrevendo o preceito d'ella lá no portico do alcaçar scientifico em Delphos—*nosce te ipsum*—; para que fosse de continuo presente ao espirito; se tantos seculos, e tantas gerações se-consumirão em seu estudo, quasi sem proveito real, foi por se haver negligenciado, como nota o sabio de Montpellier (3) o verdadeiro methodo philosophico.

Facilmente se-conhece a urgencia da philosophia geral, como sciencia elemental para a medicina. O raciocinio como factor do producto scientifico, quando for viciado não poderá da-lo sem erros.

A applicação da philosophia á medicina não se-limita a dirigir a razão no indagar as verdades: isso é commum a todas ás sciencias; é ella ainda de indispensavel ne-

(1) *Le désordre est par rapport à l'esprit ce que les ténèbres sont relativement à l'œil.*—Jaquier. Art de penser. p. 124. Paris 1825.

(2) *Frustra magnam expectatur augmentum in scientiis ex superinductione et insitione novorum super vetera; sed restauratio facienda est ab inis fundamentis, nisi libeat perpetuo circumsteteri in orbem cum exili et pene continendo progressu.*—Bacon. Nov. Organ. Aph. XXXI

(3) Barthez. Sciencia do homem no discurso preliminar.

cessidade como cousa, que faz parte dos phenomenos da vida; visto como sejam elles de uma categoria mixta *organico-espiritual*. Assim não conhecerá senão parte de taes phenomenos quem cuidar de os-achar só no material da machina, e *vice versa*. A verdade nunca foi dos extremos; e é por isso que a mór parte dos physiologistas tem andado ás cegas; nem os estabelistas; nem os mecanicos. É no estudo das funcções, e das molestias ditas nervosas, que o methodo *psyco physiologico* se-patentea claro a mais não desejar; e tanto, que não podem desconhece-lo nem mesmo os seus adversarios. E se-não veja-se o systema nervoso influenciado pelos agentes physicos perturbando as funcções de nutrição, e desordenando consecutivamente as ideias, e os sentimentos; de outro lado as causas moraes pervertendo essas ideias e sentimentos, e levando a desordem á vida de nutrição. Existe harmonia tão perfeita, e ligação tão intima entre o physico, e o moral, que não ha separa-los. Ainda ninguem conseguiu plantar os marcos, que estremem os dominios dos dous alliados. Essa união é patenteada aos olhos do observador, quer a natureza vá seu caminho regular, quer seja extorvada em sua marcha; quando o moral padece o physico se-altera, e vice versa; *mens sana in corpore sano*. E pois não pode haver separação entre o estudo das funcções do espirito, e as do organismo; e nem prescindir de applicar a philosophia ao conhecimento dos factos da vida, e da medicina por tanto.

Alem de tudo isto é a philosophia, que nos-ensina a formar a linguagem propria da medicina, e a excluir d'ella o barbarismo da nomenclatura antiga, quasi toda insignificante e rude. Essa lingua da sciencia tem importancia muito maior do que ao primeiro exame se podera suppor; e que todos os medicos instruidos tem reconhecido (1).

Os termos claros, e concisos, que exprímem ideias verdadeiras, são de maxima utilidade não só para intelligencia do que é verdade, já como tal admitida, (2) senão ainda como poderoso meio de se-obterem outras ideias. A boa philosophia nos-diz pelo genio do immortal Condillac (3) que os signaes concorrem por muito para o desenvolvimento das operações do espirito, para o progresso da imaginação, da contemplação, da memoria, e da reflexão; principalmente os signaes de convenção, e por sobre todos a palavra, destinada ao livre commercio das intelligencias, á permutação das ideias, que representa, de um a outro homem. As sciencias, segundo a bella expressão d'este grande philosopho, não são mais do que linguas bem feitas. Infelizmente a linguagem da medicina está muito longe de ser completa; os vocabulos antiquados, e insignificantes de algumas de suas partes, e da anatomia em particular, as palavras de sentido duvidoso, e incerto grandemente tem obstado o andamento d'ella. Em anatomia a nomenclatura é em geral barbara, e inconveniente; e a prova

(1) V. a obra de Cabanis—*révolutions de la médéc.* p. 218, e seguintes da edic. de Paris 1840; e as obras de Vic d'Azyr t. 4. Discurso sobre a anat. primeir. pag.—Paris 1805; e outras obras de grandes auctores, que todos sentem a necessidade de reformar a linguagem medica.

(2) *Ce sont donc l'exactitude et le bon emploi des mots, ou plus généralement des signes, qu'il faut considerer comme le criterium de la verité.*

Cabanis. Obra. e lugar cit.

(3) V. As Obras Philosophicas do Abbade de Condillac. V. 4. p. 214 e seguit.—Parma 1792.

ahi está no encephalo, que sendo o mais nobre dos orgãos da economia, foi por uma singular bizzarria o mais maltratado de todos, em quanto á denominação de suas diferentes partes: hastes, cesuras, cornos, valvulas, aqueductos, franjas, ancyroides & c. E a nomenclatura dos musculos? E' a peor talvez; d'ella falla Cabanis nesta substancia: c'est dans cette langue myologique surtout que la pedanterie semble avoir réuni tous ses efforts". A quantas discussões longas, interminaveis não tem dado lugar em physiologia os termos *vida*, *pneuma*, *alma*, *archéo* &? Em pathologia a cada passo se nota esse defeito: O que é molestia? Desde Galeno até agora cada um a tem diffinido segundo a doutrina, que professa. Já hoj'emdia é necessario nesta sciencia um estudo particular, o da *synonymia* para se entenderem os livros, e os colloquios entre pessoas d'arte; e essa pluralidade de nomes não traduzem a mesma ideia; as vezes cada um d'elles corresponde á cousa differente, em que se reflecte a cor systematica de seu auctor; assim o que é febre essencial nas obras de Pinel está no quadro das inflamações de Broussais &. Ha molestias, que tem um numero consideravel de nomes, exemplo, a febre synocha dos antigos. Essa polinomía, quando não fosse nociva á sciencia, fardo demasiado grave é para a memoria. (1) E como raciocinar com principios tão fracos, e tão duvidosos? As ideias são os elementos do raciocinio; e se ellas, ou os signaes, que as designão não forem claros, e intelligiveis, mal por elle, que se ha de sentir tambem da mesma falta. Uma linguagem escura, palavras equivocas são causa muitas vezes de grandes contestações entre homens, que pensão concordes, mas que parecem de opinião diversa pela maneira viciosa com que se expressão; diz Loke, que poz fim a uma contenda de muitos medicos, originada pela má intelligencia da palavra licor, explicando a verdadeira significação d'ella; e que de resto erão todos do mesmo pensar. Empregar termos cujas ideias não competem ás cousas, não fazem exacta pintura do que se deseja exprimir é absurdo. Deve-se refazer a linguagem medica, não á mercê de razões discordes, porem sobre principios solidos. Eu não quero um neologismo como o que até agora tem apparecido; desejo innovação de termos, que expressem as ideias claramente, que sejam euphonicos, que nas molestias desenhem suas principaes feições.

As linguas bem feitas são as causas mais energicas das que podem apressar o crescimento das sciencias. Isto que acabo de dizer é uma verdade universalmente reconhecida e incontestavel. Em todos os paizes, onde a linguagem é boa, principalmente a linguagem escrita, rapido tem sido o augmento das luzes, e da sociedade; nos lugares ao contrario, em que ella é má, tem os povos levado vida de ignorantes, antes vegetação do que vida, cercados de trevas, e esmagados pela ferrea mão de tyrannos oppressores. São as sciencias, que mais sentem o effeito da boa ou má construção das linguas; é sobre tudo

(1) Joann. Bapt. Burserius fallando d'esse grande numero de termos remata diseudo: "neque hic credas synonymorum finem esse: tanta enim est hodie nomina pro lubitu innovandi licentia, atque intemperantia, ut nisi aliquantum coereceatur, eorum numerus excrescere demum debeat in immensum, et plurimum memorie, et teaporis requiratur ad ea sola sine alio propemodum fructu perdiscenda.

V a obra já citada do Sr. Ferreira Braga--sobre pathol. ger.

para ellas, que devemos realizar a vontade de Bichat, que disse fallando da base fundamental de nossos conhecimentos: "s'il est des travaux dont doivent s'occuper une réunion de savants, c'est d'adopter un nouveau langage". Bem alcanço, que isso não é cousa para pouco trabalho, e que na epoca hodierna não é exequível o desejo de dar a ultima de mão á lingua medica; que outro tanto fora suppor, que já somos chegados aos limites da sciencia; mas dê-se principio, não digo, que seja perfeita, trabalhe-se com vontade; estudem-se primeiro as linguas antigas, as fontes, (1) e o resto ao tempo, ao tempo

Não irei adiante com estas considerações, que tenho feito sobre a necessidade da união da philosophia com a medicina, que não m'o permite o espaço d'este papel; e nem precisa de mais provas cousa, que é por todos conhecida: e assim passo já a escrever do que é propriamente do meu assumpto.

(1) A lei das Escolas de Medicina brasileiras exige do candidato aos estudos medicos o conhecimento da lingua classica das sciencias, a latina, e de uma lingua viva, franceza, ou ingleza; exige mais philosophia racional e moral, e geometria. Tu-lo isso é mui necessario, mas é pouco ainda; no meu entender o entrante deve saber tambem a lingua grega, geographia, e rhetorica. E não me venhão dizendo, que o medico não carece de eloquencias para ser perfeito em sua arte; o talento de fallar, e escrever bem entra por muito na persuasão das verdades, e as verdades medicas são de summa importancia. O estylo concorre poderosamente para facilitar o ensino, e ajudar a intelligencia. O orador ou escritor medico deve ter eloquencia para persuadir, e estylo para facilitar: A arte de bem fallar é necessaria, por mais não fosse, para levar a convicção a muitos doentes, que pusilanimos, ou duvidosos, não se querem sujeitar aos meios therapeuticos, aos cirurgicos principalmente. Hippocrates não seria talvez o que foi, e o que inda hoje é na historia, e na fama, se não fosse o orador Gorgias, cujas lições de eloquencia ouviu em Athenas, e aprendeo.

PRINCIPIOS

DE

PHILOSOPHIA MEDICA.

L'élément ou pouvoir observateur, expérimental, et l'élément ou pouvoir rationnel, logique, philosophique, voilà en dernière analyse les principes immédiats de tout ce que nous savons en matière d'histoire naturelle.

Douilland. Philosoph. Med. p. 142.

Já tive occasião de dizer, e agora de novo affirmo, que a observação, e o raciocínio são os unicos meios seguros de estudar a natureza; polos ter descobhecido é que os antigos nunca poderão atinar com as verdades medicas, e derão nascimento a essa immensidade de opiniões diversas, de seitas oppostas, e tão encontradas theorias, que ali estão na sciencia. Nós os modernos, mais bem encaminhados do que elles, imos seguindo com boas esperanças de chegar á meta desejada; mas nem por isso nosso progredir tem sido grande, que a senda inda está um pouco obstruida; conhece-se o enunciado do problema, porem não se tem accordado sobre a solução d'elle. Dizer vagamente, que a observação, e o raciocínio são os elementos das sciencias é dizer o que hoje ninguém ignora. Isso porem não é bastante; é um mandar fazer as cousas sem dizer o como. Observe, e raciocine; está bem; mas de que maneira? De que modo hei de observar, e raciocinar em medicina? Ah! é que vai a difficuldade; para dissipa-la as luzes todas do seculo inda não forão sufficientes: esperemos pelo futuro; tal vez. . . . E então tambem a sciencia terá outra face differente d'agora; entretanto vamos trabalhando sem parar, que não é ficando a descansar, que hão-se de conseguir as grandes cousas.

Volto aos problemas. 1.º Como se-deve observar em medicina? Não serei eu que dê a resposta definitiva a essa interrogação scientifica; vou apenas dizer o que penso á respeito.

§. 1.º

DA OBSERVAÇÃO.

Fiel aos principios philosophicos que adoptei, e á doutrina que, fóra dos sentidos, nenhuma outra origem admite para as ideias, (1) que alias é a dos homens mais familiarizados com as practicas da natureza, e a que me-parece mais certa da razão, d'elles me-coubera tratar de primeiro, como de instrumentos que são, e essenciaes á formação de todo esse vasto edificio da razão, que se ali vê,

(1) Eu já expliquei noutra parte d'esta these a maneira porque entendendo o sensualismo, e as condições, com que se-admitto,

e admira, se fora em meu plano formar uma obra completa de philosophia medica, e não um guia, que me-estadêe para a verdade na sciencia, á que tenho consagrado todo o tempo, que me-restar da vida. Primeiro está conhecer o orgão para depois indagar-lhe a acção ; mas eu peço aqui a devida venia para passar em claro esse artigo com o desenvolvimento todo particular, que lhe-é necessario, e limitar-me a dizer de sentidos o que elles tem de mais intimo com a observação, de que escrevo agora.

A observação ao sentir dos sabios, e na phrase do celebre professor, que tomei por epigraphé é um dos principios immediatos de nossos conhecimentos; é o corpo d'esse gigante, de quem o raciocinio é alma ; e tal importancia tem nas sciencias phisicas, que sem ella nenhuma se pode chamar tal. Depois da era de Bacon tem os sabios invidado todos os seus esforços para lhe-darem um caracter de perfeição, de que não obstante inda carece ; e não posso, nem devo callar-me a respeito d'ella, sem falha de omitir o que é essencial.

Observação em sciencias naturaes quer dizer concentração da attenção sobre os sentidos applicados mediata, ou immediatamente aos corpos para descobrir-lhes as propriedades, e os phenomenos. Os sentidos em relação continua com os objectos, que nos-circumdão, sempre applicados sobre os corpos externos não bastarão para inteirar-nos de todas as suas qualidades, e phenomenos, se por um acto da vontade o espirito não lhes-prestasse attenção ; ou se, abstrahindo de qual-quer outro trabalho, não limitasse seu poder, e suas faculdades ao conhecimento da impressão, que produz o corpo no sentido, que o-explora. Essa concentração, que se-chama attenção, é uma das condições primeiras para que o observador possa ler, e interpretar a natureza. Ella emprega todas as forças do espirito no objecto, que se quer conhecer, como se elle fosse o unico existente no universo ; e chega as vezes a tanto o poder de abstracção, que impercebida passa qualquer outra impressão por forte que seja ; ou fallando a linguagem physiologica a *sensibilidade cerebral*, que Richerand chama *perceptibilidade* (1) se-emprega as vezes inteiramente em conhecer a impressão de um orgão, abandonando a dos outros todos. Nesta tão complicada machina do homem o principio animador quer intelligente, quer vital está de tal modo distribuido, que não pode augmentar em uma parte sem diminuir em outra. Innumeraveis factos respondem por esta asserção, e colloção-n-a em o numero das verdades inconcussas ; por demais é appellar para a consciencia de cada um para convencê-lo d'ella. Quem ha hi, que não tenha sido ao menos uma vez na vida possuido de uma ideia fixa, que o tornasse cego, surdo, e mudo para tudo, que não é o objecto de seu meditar ? Na pathologia encontrão-se muitos casos d'essa perceptibilidade exclusiva. Quando a exaltação das propriedades vitais é extrema nos orgãos da geração, em consequencia da molestia, que se chama satyriasis, os que a-soffrem chegão a cortar os dons testiculos, ao dizer de Aetius, sem experimentar as dores, que costuma de trazer tão crua mutilação (2). Neste caso as forças péceptivas estavam todas occupadas com a im-

(1) Novos Elementos de Physiologia, t. 1. p. 51 da 2.^a ed. de Paris 1833.

(2) *Nocinus quosdam audaces, qui sibi ipsis ferro testes resecevant,*

AeJl. tetrab. 3 sect. 3. p. 699.

pressão morbida do penis; não podião conhecer nenhuma outra. Esta verdade de observação não escapou ao pai da medicina, que a-formulou em um dos seus aphorismos: *duobus doloribus simul abortis, non in eodem loco, vehementior obscurat alterum* (1). A attenção é, como diz Senebier, (2) a mãe da penetração, da exactidão, das precauções uteis, e das provas solidas; e como seja ella indispensavel, claro fica, que não bastão os sentidos para observar, como o affirmou Bayle (3).

Os sentidos, mesmo como são naturalmente em qualquer homem, servem para preencher sufficientemente os fins ordinarios da vida; mas se queremos indagar com ordem o que se-passa nos corpos; quando é preciso descobrir o que facilmente e da primeira vista não se-apresenta; então é mister bem dirigi-los, suprir de alguma maneira sua fraqueza natural, e fazer-lhes, como modernamente se-diz a educação. E' admiravel e quasi prodigiosa a facilidade, e inteireza, com que um sentido educado transmite ao cerebro as impressões, que recebe, e a rapidez comque se-formão juizos entre as percepções em que se elles tornárão; juizos, ou percepções secundarias tanto mais perfectos, quanto mais delicadas as impressões physicas dos sentidos. O pintor, cuja vista se tem habituado á observação dos objectos de sua arte, vê de um relancear d'olhos o que outros não podem ver por melhor vista que tenham, e por mais que observem e com vontade; vê, e ajuiza em quanto elles inda olhão, e procurarão distinguir. Um quadro, que nos-pareça perfeito será aos olhos do observador esclarecido bem mediocre, e vice-versa. O musico verdadeiro avalia no meio de uma grande orchestra o tom de centnares de instrumentos, e conhece se um d'elles se tem desafinado. Os cegos, á quem a natureza, por compensar a falta da vista, dá tão perfeito o tacto, chegão a distinguir por este ultimo sentido objectos de cor differente. (4)

O men Illustré Mestre o Sr. Dr. F. de Paula A. e Almeida, de mui saudosa memoria, disse-nos em uma de suas lições (curso de 1843 ultimo que en-

(1) Hippocratis Aphor. sect. II. aph. 46.

(2) Senebier. *Essais sur l'art d'observer et de faire des expériences*. t. 1. Genève 1802.

(3) *Traité de la phlysiologie pulmonaire*.

(4) E não seja de duvidar, que cegos conheço cores: as sensações não existem nos objectos, que nos-fazem impressões, e nem tão pouco nos orgãos que as--recebem; são modificações do nosso ser. O cego quando taccieia um corpo de cor verde, por exemplo, recebe uma impressão muito subtil certamente, e tanto que não a--podemos nós ter; é essa impressão assim delicada dá na cimento a uma ideia, que nós tambem não podemos ter, muito mais subida do que a que teriamos apalpando o mesmo corpo. E como essa ideia, que o cego tem, é distincta de qualquer outra, tolas as vezes que o tacciear de um corpo qualquer lhe--causar uma sensação semelhante elle dirá, que este corpo tem uma qualidade igual á do primeiro; qualidade, que a gente de vista convencionou chamar cor, e cor verde; e que elle a exemplo tambem denomina assim. O cego pode até certo ponto supprir pelo tacto o orgão da vista; qualidades differentes originão-lhe impressões e ideias differentes. E mesmo nas pessoas, que tem vista, quem sabe se a representação das cores ao espirito é a mesma para todos, para mim, que para outro homem? Cada uma pode dar á cada um de nos sensação differente, que a convenção iguala pela palavra para intelligencia commum. Não só do sentido da vista, de todos os mais se pale o mesmo dizer. Fora mister para resolver este problema, que cada um tivesse consciencia do espirito de outrem,

sinou) que uma mulher cega pedira á pessoa da familia d'elle um fio de retroz verde; e que, para saber se era verdade, que ella distinguia cores, como sc-lizia, reunio muitos fios de cor differente, e deu-lh'os dizendo que os-levasse para si; então a cega depois de ter apalpado o retroz separou os fios, que não erão verdes, designando cada uma das cores por seu nome, e entregou-os dizendo: eu só quero o verde! Admirado d'este facto procurei essa mulher, e pude por mim mesmo observar o que havia dito o Professor de Physiologia, como já tive occasião de publicar em outra parte (1). Já hoje na Europa ha instituições para ensinar cegos á ler (2). As differentes molestias dos orgãos dos sentidos nos-dão ainda uma prova concludente, de que a clareza das ideias está em relação com a delicadeza das impressões. Enfim não ha precisão de multiplicar exemplos para esclarecer o que é observação de todos os dias. Bastão estas considerações para que se sinta quanto é urgente a educação dos sentidos, principalmente em medicina, em que elles são a todos os momentos consultados. (3) Só ella pode dar bõa recommendação aos medicos junto ao leito dos doentes. Essa educação, que torna os sentidos tão agudos, é só o habito que pode da-la; o habito convenientemente regido, moderado, que augmente a sensibilidade, e aperfeiçõe o juizo; (4) e d'aqui o preceito nunca assaz recommendado de se-exercerem continuamente os sentidos, e logo com cedo, em tempo opportuno, isto é, naquelle em que facilmente se adquirem habitos; nos annos mais chegados á infancia; que é quando o organismo muito impressionavel conserva por assim dizer as modificações, que se lhe dão. O que tenho dito até aqui se-entende dos sentidos immediatamente applicados aos objectos, que desejamos conhecer. Este modo de observar é o mais natural, o que todos podem empregar em qualquer tempo, ou lugar, sem carecer de socorros estranhos; mas os sentidos tem um alcance limitado: e inda quando muito educados, e mui bem dirigidos; não poderião dar-nos as ideias, que hoje temos da natureza, se ajudados não fossem pelos meios, que a arte nos presta, e que valem como se a intensidade, e a delicadeza do instrumento natural se tivessem augmentado. A vista mais aguda, e mais bem educada nunca poderia enxergar o que vai nesses espaços immensos, que nos-ficão por de sobre o planeta, que ha.

(1) V. O Musaico n. 7.—do v. 1. 1846.

(2) V. a obra do Sr. Alexandre Dumas — intitulada — *impressions de voyage* — t. 2.º. art. Zurich.

(3) *De toutes les sciences physiques en général il n'en est peut être pas une, dans laquelle il importe plus d'interroger les sens, que la médecine pratique strictement dite* — Corvisat. Traducção da obra de Avenbrugger sobre a percussão.

(4) Alguns Physiologistas tem dito, que o habito embota a sensibilidade, e aperfeiçoa o juizo. Esta asserção embaraçou-me um pouco quando a-li pela primeira vez na Physiologia de Richerand, e interpretei-a tomando cada uma das duas proposições em separado; o habito embota a sensibilidade; é verdade isto; o habito aperfeiçoa o juizo—tãõem é verdade; mas suppondo á segunda corollario da primeira, como o enunciado parece indica-lo, a proposição é falsa—; o juizo não se-aperfeiçoa porque a sensibilidade se tenha embotado; ao contrario deve elle tambem embotar-se.—O habito embota a sensibilidade, quando obra com muita intensidade—; os artillheiros, os sineiros, e outros homens, que estão acostumados á sons mui fortes são quasi todos surdos, e nestes ageitos o juizo, ao menos no que diz respeito ás ideias que lhes-poderião vir pelo ouvido, será embotado, e nunca aperfeiçoado; quando porem o habito obrar estimulando o orgão tão somente quanto baste para faze-lo entrar em exercicio, augmenta-lhe a sensibilidade, e por isso é o juizo aperfeiçoado; ex; os que a cima referi do pintor, do musico. &c. &c.

bitamos; e bem assim muitas cousas das que estão mesmo em roda de nós. Sem o microscópio, e o telescópio, que multidão de seres inda estarião ignorados! Com a potencia dos sentidos assim reforçada pela arte lança-se o homem em novos mundos; descobre o que nunca se-pensou existir; mostra falsidade no que era tido por verdadeiro; acha relações que d'outra sorte ficarião ignoradas; torna-se enfim um novo homem. Ah! e quanto fora para desejar que chegasse a perfeição dos instrumentos ao último ponto! Então o nosso systema de conhecimentos seria inteiramente outro; a nossa certeza havia de ir muito para além do lugar que occupa hoje.

Sem o soccorro de instrumentos Herschel não teria voado da superfície da terra a ver de perto esses satellites, que deo a nossos planetas, esses milhões de soes, essa immensidade de systemas, que nos elle mostra com seus espelhos, e seus oculos. A classe dos animaes infusorios, não a-possuiria hoje a zoologia em seus quadros, se o microscópio não fosse. Todos conhecem os grandes serviços, que prestou á sciencia este precioso instrumento entre as mãos de Spallanzani, Fontana, e mais recentemente de Prevost, Home, Dutrochet, Raspail, Bauer, Schultz. &c. &c.

O tacto, considerado, como sentido mechanicamente pode ser notavelmente augmentado por meio de instrumentos. É preciso ter visto, e experimentado para acreditar os conhecimentos, que fornecem os diferentes generos de catheterismo; com razão se tem dito que a sonda é um dedo prolongado.

Que serviço não fez Laenec á sciencia dotando-a de um instrumento, que augmenta a energia do ouvido, e nos-patentâ symptomas physicos ver-ladizos para diagnosticar as molestias de peito, e outras, que tanto embaraçavão os antigos! Na verdade o stethoscópio é uma das melhores acquisições, que a medicina tem feito nestes ultimos tempos; facilitando-nos a segurança do diagnostico, mostra-nos o caminho para um tratamento racional, que noutros tempos não se podia seguir. Já hoje não se-diz mais como Baglivi—; *o quantum difficile est curare morbos pulmonum! o quanto difficilius eosdem cognoscere!*

Alem da inapreciavel vantagem de adquerir pelos sentidos assim armados de instrumentos uma multidão de ideias novas, servem estes ainda para examinar, e rectificar muitas das que nos-vem mediante os sentidos sós; e para lhes-darem um caracter de precisão, que d'outra sorte não terião.

Todo mundo vê a queda dos corpos; todos sentem calor; mas ninguem avaliará o grão de força, com que o corpo cahe, e nem suas leis sem o pendulo; ninguem poderá graduar as variações de calor nos diferentes climas, e nos diferentes corpos sem ajuda do thermometro. &c. &c.

Para que os instrumentos tenham essa importancia, que os torna indispensaveis é preciso, que sejam bons, e construidos de maneira, que fiquem em relação com os phenomenos, cujo conhecimento se-procura. Tanto mais perfectos elles forem, tanto mais numerosas, e claras serão as ideias, que podermos ter. O principio em que repousa a construcção d'elles é todo de physica, de mechanica, e tambem da sciencia em que se-fazem as observações. Os oculos de alcance não chegarão á perfeição, que hoje tem seuão depois que Euler estudou o olho, e o mechanismo da visão.

D'aqui se-conclue facilmente quão util seria que fossem instruidos os fabricantes

de taes instrumentos, ou que elles fossem obrados pelas pessoas, que os inventão. Ha grande differença entre quem afeiçoa um instrumento sem lhe-saber os fins, e quem põe por obra o que imaginou. Herschel não teria talvez sido tão grande observador, se elle mesmo não fizesse os seus instrumentos. Os mais afamados cutileiros de Franca, Inglaterra, e Allemanha não são homens ignorantes; tem conhecimetros de physica, e tambem os-tem practicos dos fins para que são destinados os instrumentos. Mr. Charrière, celebre fabricante de Paris, vai assistir á clinica de Mr. Velpeau, de Mr. Rou, e d'outros para melhor aperfeiçoar os seus instrumentos de cirurgia.

Ha uma consideração a cerca de instrumentos, que nunca se deve esquecer; e é que inda os mais perfectos não são inteiramente ficis; estão sujeitos á erros, tanto mais perigosos, quanto menos consideraveis são as inexactidões; por que de ordinario passam inapercebidas, ou são tidas em pouca conta. Os prismas máos, que Mariota empregou para estudar a luz fizerão-lhe suspeitar, que Newton tinha errado; entre tanto o Cardeal de Polignac mandou buscar bons prismas na Inglaterra, e teve o prazer de repetir felizmente as experiencias do grande philosopho.

O observador deve conhecer os instrumentos em quanto á seus fins, ao grão de sua exactidão, e ao material de que são feitos; e finalmente saber usar d'elles; emprega-los frequentemente para habituar-se, e formar a educação dos sentidos que os-empregão.

Eu já disse, que os instrumentos mais perfectos inda estão longe de serem exactos; e isto basta para que não tenham um character de certeza inabalavel, e evidencia os juizos formados entre as ideias, que elles nos-dão, com quanto sejam mais chegados á verdade do que os outros que se-fazem sem elles.

A natureza é muito regular, muito exacta em suas operações, e nossos instrumentos muito grosseiros em sua construcção; ella é mui delicada em suas obras, e nossas medidas tão materiaes, que não podemos conhecer nem sua exactidão, nem sua delicadeza. Esta consideração tem sido muito desprezada pelos medicos *essencialistas*, que tem por costume negar o que não podem ver, ou o que imperfeitamente vêm; inda mesmo o que é mui razoavelmente admissivel pelas probabilidades, pela analogia. &c. Elles, que são tão spiritualistas, não sei como descem lá das regiões da imaginação, para tomarem armas em cousas tão materiaes! . . .

O observador inda que dotado de excellentes qualidades, que o fação recommendavel como homem de sciencia, pouco proveito conseguirá de seus trabalhos se não guardar uma ordem rigorosa no indagar dos factos; bem como o piloto instruido, que se vê sem bussola em meio de furioso oceano, não sabe por onde conduzir-se no immenso campo que lhe a natureza offerece, e suas vistas errantes não achão paradeiro, em que descansar.

Essa ordem na observação é ao *methodo* que se-deve pedir, ao *methodo* rigoroso, que nos-aponte para a verdade como benigna estrella mostra o norte ao transviado nauta. Um espirito mediocre pode apresentar nas sciencias espantosos resultados, se for guiado por um *methodo* são, e verdadeiramente logico; em quanto que uma intelligencia de primeira ordem pouco adiantará se não tiver esse *seguro* planal do caminho escabroso da sciencia.

Ouçamos as ingenuas palavras de Descartes, que é muito de attender-se

nestas materias: — « eu nunca presumi muito de mim mesmo, diz elle, e muitas vezes desejei igualar a outros na facilidade de conservar, e imaginar as cousas de uma maneira distincta, ou na rapidez do pensamento; se tenho alguma vantagem sobre o commum dos espiritos, devo-a á um methodo que tive a felicidade de achar desde a minha infancia. » —

Os mais celebres philosophos de todos os tempos, e de todos os paizes tem trabalhado em aperfeiçoar cada vez mais esse meio á que julgão dever tudo que sabem. Essas verdades, que as sciencias possuem, o que a medicina tem de mais bello é tudo devido ao methodo. Digamos pois duas palavras sobre a ordem, ou methodo que deve de ter o observador.

Tão complexo, e variado é o sublime aspecto da natureza, que para conhecê-lo é mister tomar em separado um de seus immensos productos, e abstrahindo de tudo mais, submittê-lo ao escarpello da analyse; que limitada, e fraca é nossa comprehensão para de uma só vez, e ao mesmo tempo abraçar quanto é possível de ser observado; e inda não basta ás vezes uma só abstracção, visto que os objectos apresentam mui differentes faces, pertencentes a diversos compartimentos das sciencias. Assim o physico, por exemplo, só vê nos corpos sua forma, seu peso, sua consistencia, seu exterior; o chimico não quer saber d'essas cousas, indaga-lhes o interior, busca se um, ou muitos elementos contem, desagrega moleculas, desmancha, compõe &c. O naturalista só procura caracteres de semelhança para chega-los uns aos outros, reuni-los, e formar os grupos, as familias, ou divisões da historia natural. Ao physiologista não lhe prende a attenção o estudo da natureza assim considerada; procura-lhe outro lado, o mais difficil sem duvida; vai aos phenomenos sensiveis, mudos, e singulares ao mundo organico a descobrir-lhes os segredos, e o mechanismo. E assim por diante um só objecto da natureza pode occupar todas as sciencias, e todos os sabios, empenhado cada qual em cultivar o lado da immensa pedra, á que se ateve.

É esse methodo tão rico de bons resultados, que nos-põe a cavalleiro de nossa natural fraqueza, e nos-dá separadas peças de conhecimentos, bem vistos, e bem provados, que reunidos depois fornecem esse cabedal, que hoje possuímos; e que os seculos tem enthesourado em sua passagem para no-l-o dar em proveito nosso. Pasmos ao considerar esses prodigios da razão humana, que nobremente distinguem o seculo, em que vivemos, e que hão de grangear-lhe muita gratidão dos que inda estão por vir; pasmo quando os-comparo com a debilidade de nossa intelligencia, de que são entre tanto tão desproporcionado effeito; e ao indagar os meios, que lhe derão lugar, a ler os grandes observadores, eu os-vejo todos devidindo para observar; por toda a parte esse poder de concentrar todo o sentir sobre um objecto só, e separado dos outros.

Assim já hoje é regra de philosophia natural, que ninguem se-lembrava de contestar, a separação do que se quer conhecer, de tudo que lhe está unido; e d'outra sorte não succede em medicina.

Advirta-se porem que tal separação é obra toda nossa, que não passa de uma conveniencia de estudo, de meio facilitador sem existencia real. A natureza não tem essas linhas divisorias, que convencionalmente lhe-supponmos; é uma, e solidaria em seus principios harmonicos, e inalteraveis; cadeia immen-

sa, e successiva, em que as gradações são insensíveis, como já o havia notado o naturalista philosopho;—*natura non facit saltos* (Linêo) Os aneis que parecia faltar-lhe entre os limites da materia sem orgãos, e da materia organizada, ali estão preenchidos pelos cristaes. Não havia, e nem ha falta; se ella existe é so em nós, na natureza não.

Esta consideração é muito para se-ter de memoria afim de que os productos da observação, quando submettidos ao raciocinio se não tomem desligados, e devididos, sendo, como naturalmente são unidos, e relacionados uns com os outros, como partes, que formão um todo por mutua connexão, e harmonia.

Depois de feita a separação deve ainda o observador antes de começar seu trabalho, meditar a cerca do que pretende saber; afim de preparar o caminho, qua ha de seguir, e formar uma serie de questões, que se proporá de resolver; sem o que será levado pelo acaso, como quem não tem um fim. (1)

Este espirito philosophico, esta ordem regular descobre ao observador não só o que está debaixo de seus sentidos, como tambem faz com que elle preveja, e como que advinhe o que não pode á principio perceber. Os limites da sciencia não são os de suas primeiras perecepções; uma observação dá ideia de outra em uma cabeça sabia.

Assim é que o verdadeiro observador se-prepara para o estudo dos objectos difficeis; a analyse, que d'elles faz lhe-fornece meios de conseguir os resultados desejados, aplainando as difficuldades, que se-apresentão, e vencendo-as com as armas de uma logica robusta.

São estas as bases fundamentaes, em que repousão os diferentes methodos de observação; dos quaes não fallo em particular; que fora isso um trabalho longo, e quasi impossivel; pois que estão até certo ponto sujeitos á vontade do observador, e varião segundo os objectos á que se applicão; com tudo sempre direi, que d'entre os diversos methodos, que se podem empregar na pesquisa de um phenomeno, deve-se dar preferencia áquelle, que for mais facil, e commodo em seu uso, e menos susceptivel á erro. Se tratar-se de um caso importante é bem, que se-empreguem muitos methodos, a ver se-todos dão o mesmo resultado; e avaliar o grão de certeza da observação, que se-fez.

D'isto que acabo de dizer já se pode concluir, que a observação nem sempre está ao abrigo de erros, bem como todas as ideias, que tem origem immediata nos sentidos, pelo que devem-se applicar-lhe todos os meios, que estiverem ao nosso alcance; o peso, a medida, o calculo & & para conhecer-lhe a exactidão.

A paciencia tão necessaria ao homem moral, que é pela Religião recommendada como virtude, é uma das qualidades, que deve possuir o observador, e que de muito lhe-serve para os desejados fins.

Aquelle que se dispõe a soletrar os caracteres da mão de Deos no immenso livro da natureza sem estar armado de uma paciencia á prova de todos os soffri-

(1) *En observant sans dessein, on erre indifféremment sur toutes les parties d'un phénomène, et comme on observe sans réflexion, on ne voit pas ce qu'on voudrait découvrir.*
Seuchier obra citada V. 1.º p. 149.

mentos, e de todas as mudanças, perderá seu tempo; que pouco ou nada conseguirá. Esse livro é escrito em linguagem, que o impaciente não intende; só é dado folhea-lo com proveito ao homem forte, e tenaz, que dedica todo o seu pensamento ao triumpho de uma ideia, ao descobrimento de uma verdade; que não aos perillamos do genio, que brillão num momento, e num momento desaparecem; que não á imaginação, e bellas phantasias dos sanguineos; para estes a poesia, e as artes. A observação bem feita, o profundo meditar, as verdades da sciencia, essas cabem em sorte ao genio, á constancia, e ao trabalho.

A natureza é mui circumspecta em revelar segredos; só os-confia de seus dilectos, que por muito tempo a-frequentão; e mal por nós, que tão longo é as vezes o espaço da provação, que seculos não bastão para prehenchê-lo; responde a historia; diga-o a cabeça encanecida da velhice; digamol-o nós com a expressão de duvida, que nos-acompanha em nosso saber de homens.

Que verdade ha hi, que não carecesse de tempo para sancçiona-la? A natureza regular, e immutavel não precipita a marcha de suas operações para igualar os passos da impaciencia, que tudo quer prompto, e á mão no momento mesmo do desejo.

Esse spectaculo, que hoje admiramos, prepara-o ella desde o começo do mundo; ahi está essa montanha, essa rocha, essa ilha; ahi estão esses metaes; que de tempo gastou ella em obra-los! Quem sabe agora o que lá para o futuro os seculos farão de taes maravilhas; que nova existencia, que novas modificações, que nova forma lhes-darão?

A natureza nunca para, seu caminhar é eterno, como a causa, que a-impelle; e se o tempo todo é de trabalho para ella, de trabalho deve de ser tambem todo o tempo para o homem que se-propõe á segui-la, e conhece-la (1). Perguntarão á Newton como elle havia podido fazer tantos descobrimentos, e o philosopho respondeo:—procurando sempre, e procurando com *paciencia*—. Os primeiros esforços do observador são muitas vezes infructiferos, não por causa d'elle, mas porque a natureza em sua successão ordenada não apresenta os phenomenos ao sabor de nossa vontade; é preciso espera-la para observa-la. Outras vezes a execução de um phenomeno exige muito tempo, annos mesmo; e só a paciencia, e constancia do observador o-podem seguir. E' necessario em fim um tempo mui demorado para estabelecer com certeza as observações, que nos-patenteão certos phenomenos, repeti-las, e verifica-las (2). Spallanzani exhorta á paciencia os que quizerem assistir ao nascimento dos animaes microscopicos—Duhamel deixa macerar uma para durante dous annos para fazer-lhe a anatomia.—Outro guarda um grão de ambar, e espera 16 annos para estudar a divisibilidade. Harvey leva 30

(1) *La science ne s'acquiert que laborieusement, à la sueur de notre front, à la condition du travail perpétuel de l'humanité.*

Cousim.

(2) *Diz Lacomiguière nas suas lições de Philosophia:— Les faits ainsi long temps observés et bien reconnus, laissent apercevoir enfin leurs vrais rapports, non pas seulement les rapports de simultanéité, ou de contigüité, ou de simple succession, ou même de causalité; mais les rapports de génération, les rapports qui les unissent par les liens d'une origine commune.*

annos á procurar a circulação do sangue; e toda a nossa vida, e todos os nossos trabalhos tem por fim encontrar a verdade. Que seria de nossos conhecimentos se não fosse a paciencia? Inda lá estarião á par do que ignoramos. E quanto maior, e mais brilhante não seria o dominio da sciencia, se os homens, que á ella se dão fossem todos pacientes?

Sublime espectáculo e admiravel é o do philosopho á lutar com as causas, que lhe-occultão a verdade, ajudado da paciencia, e sustentado pela esperanza!... Identifica-se quasi com a natureza, e só a-deixa depois de te-la vencido.

Quem se dá seriamente ao estudo das sciencias naturaes sabe por experiencia, que se não adquirem conhecimentos solidos á cerca de um objecto senão depois de longo trabalho, e de muita constancia.

Alem das qualidades, de que tenho fallado, e que são indispensaveis, ha outras ainda de que o observador carece para ser completo nessa arte, que prepara os materiaes scientificos. Os observadores verdadeiramente grandes, quaes foram Swamerdan, Malpighi, Haller, Duhamel, Bonnet, Spallanzani &c., são dotados de uma especie de instincto, que faz com que conheção de momento aquillo, que outros não podem perceber. Essa impulsão, ou desejo quasi instinctivo, que nos leva a exercer os sentidos da maneira mais conveniente a achar a verdade, é que o Sr. Professor Bouillaud designa pelo nome de *espírito*, ou genio de observação (1), e que torna perfectos observadores os que tem a *felicidade* de o-possuir; digo os que tem a felicidade, porque não é isso cousa, que dependa da vontade de ninguém; é um dote natural; *nasce-se observador, como se nasce poeta*. É preciso vocação para a arte de observar como para qualquer outra. Entre aquelles, a quem a natureza mimoseou com esse principio particular (que um phrenologista não deixará de attribuir ao desenvolvimento de tal ou tal bóça) é que se hão de achar os bons observadores. D'isto porem não se-segue, que só deva observar quem tiver genio de observação; não havendo manifesta negação para est'arte, pode qualquer pessoa, que tenha os outros requisitos, de que fallei, dar-se ao estudo da natureza, e inda assim conseguir bons resultados. O campo a arrotear é summamente vasto, e dá emprego para todas as capacidades. Bem diminuto seria o numero dos observadores se constasse só de genios. Eu vejo Newton explicando a natureza physica; vejo Franklin mostrar, que o raio não é instrumento da vingança divina, arranca-lo ao céu (2) e dirigi-lo para onde quer; admira-me Plinio, extasia-me Buffon, Cuvier, e outros homens insigues, que tão conversados andarão com a natureza; e eu os-^{diviso}diviso com razão collocados lá no principio do catalogo dos philosophos; e abaixo d'elles vejo muitos outros, que não se lhes-podem comparar, allegando todos até o ultimo seus direitos á gratidão da sciencia, como observadores e descobridores de alguma cousa util; embora sua vista não chegasse a alcançar o que descortinão as vistas d'aguia do genio.

Reconhecendo a immensa superioridade do observador de genio sobre o que não o-tem, não desconheço, que esse dote natural se-tornará de pouca utilidade, se estiver só, e sem as outras partes, que deve de possuir o observador, e cujas já apontei as principaes. Afóra ellas ha tambem muitas outras, que concorrem para dar-lhe esse

(1) *Philosophie, Med.* p. 15. Bruxelles 1840

(2) *Eripuit caelo fulmen,*

caracter de perfeição, que muito deve procurar quem se entrega á observação; assim a erudição muito lhe serve; a erudição escolhida por uma critica philosophica; que não essa, que consiste em amontoar muita leitura, sem ordem, e confusamente. O observador erudito, isto é o que ler *bem*, o que pensar sobre o que lê, terá mais facilidade de acertar. A leitura é, como dizia Zimmerman, uma conversação mediata com a natureza, a observação é a immediata. Deve ter tambem conhecimentos geraes dos phenomenos naturaes, de suas leis, suas excepções, e até do que parece estar em opposição nella; bem como muita dextreza para observar em tempo, e circumstancias opportunos, penetração e exatidão; e sobre tudo convem, que repita suas observações, que examine o gráo de certeza, que ellas merecem, e não se contente só com o que pode adquirir da primeira vez, que observa. Emfim nenhum conhecimento lhe é inutil.

Depois de ter dito succintamente do que é necessario ao observador, e das regras que ha de guardar na observação; depois de ter estabelecido esses principios, que chamo generalidades, e que se podem entender a respeito de todo, e qualquer genero de observação, vou agora applica-los á observação medica, que é a de que tenho de tratar.

Todas as partes da medicina se podem em difinitiva reduzir a cinco-cousas, que são como as raizes da arvore gigante da sciencia medica: *o orgão, a funcção, o modificador, a molestia, e o remedio*; e d'ellas ha de occupar-se a observação mui seriamente; afim de que a sciencia não venha a ser depois um romance de phantasia, como, e mal por ella, tem algumas vezes sido.

O *orgão*. Não me demorei muito á fallar da necessidade de estudar a organização, por ser cousa de assentimento geral, e quasi de intuição, como o *ultimatum* das razões da vida; basta dizer, que a anatomia é a porta, por onde se hade entrar para a physiologia, e para a medicina; ella é, como diz o Sr. Dr. Jonattas, o olho da medicina (1). Ninguem pode ser medico sem saber anatomia (2). A organização não está toda conhecida; é um engano dizer isto; porque a ponta do escalpello, ou o bico da seringa não podem penetrar o delicadissimo trama dos orgãos, que escapa mesmo á fraqueza de nossa vista, e de nossas lentes, não se deve *affirmar*, que elle não existe; isto é um erro, em que tem cahido mui celebres medicos, e observadores de grande distincção. *Nós não conhecemos da natureza senão o que ella tem de mais grossoiro*; o mais fino de suas obras nos-escapa. Tomara eu, que todos fiquem bem entrados d'esta verdade, para não dizerem dogmaticamente cousas, que bem podem ser falsas, e que tem contra si as vezes as analogias mais razoaveis do mundo. Vai um *essencialista*, abre o cadaver de um individuo, que morreo de certa nevrose, e como não *pode* ver o orgão desarranjado, conclue com toda segurança, que a tal molestia é uma affecção da vida, *sem lesão organica*! mas o que é vida, perguntão-lhe; responde que é causa incognita, que é principio, que é archêo, que é nem sei mais o que; podendo-se tra-

(1) Discurso preliminar ao estudo da anat. em 1842.

(2) *Nemo artis medicæ intimæ prescurari potest, nisi corporis humani exquisitam habet cognitionem.*

duzir tudo isso por esta simples expressão—ignorancia. E de veras nenhum d'elles sabe o que a vida é; e entre tanto sobre uma cousa duvidosa construem o seu castello de doutrinas, em que se-acobertão. Bem pode tudo isso ser verdade; mas para admitti-lo, eu preciso de provas, de fianças de valor; essas que ali andão não se accomodão com migo. Digamos agora a melhor maneira, e mais methodica de observar a organisação.

Hoje que a superstição já não tem o cadaver por sagrado, como em outros tempos, pode o homem ir pedir aos restos de seus semelhantes esclarecimentos sobre os segredos do organismo, e procurar nos dominios da morte a sombra da vida, que já foi. Fraqueza da razão humana, que precisa perguntar ao morto o que o vivo não pode dizer!!! É necessario, é urgente; sujeitemo-nos.

Estudar no cadaver os órgãos um a um, primeiro como se-apresentão no exterior, sua topographia, sua forma, seu volume, seu tamanho, sua consistencia, seu peso, sua cor, e suas relações com os outros; depois ir mais adiante, e com o escalpello na mão abrir, dessecar, chegar ao interior, ver o todo organico, que o-compõe, que lhe-reune os tecidos, procurar-lhe os fins, notar suas modificações, suas affecções; leva-lo por ultimo ao cadinho da chimica, conhecer de seus elementos primarios, e secundarios; eis o que é observar os órgãos no homem. Isto porem inda não é tudo; mesmo com o maior cuidado, e com a melhor ordem não ficão assim inteiramente observados. Ahí está todos os dias a anatomia pathologica em dissensão a respeito da existencia, ou ausencia de lesões procuradas no cadaver; uns a quererem ver sempre, e em tudo o vestigio da molestia, o dezarranjo physico (localisadores); outros obstinando-se em feixar os olhos á mais clara luz, e nada vendo mudado no material (essencialistas). No meio de todas essas duvidas não se-deve desprezar meio algum, que possa dar qualquer esclarecimento; e principalmente um, que muito tem servido á sciencia; que é a anatomia comparada, o estudo, e observação analogica dos mesmos órgãos nos diferentes seres da escala animal. Depois que se-principiou a explorar essa abundante fonte de conhecimentos, é que a anatomia avultou como sciencia preparadora da physiologia.—

A *função*. É para aqui, que se-devem reclamar toda a attenção, todas as luzes, todas as boas qualidades do observador. Objecto de estudos, e occupação de sabios desde a antiguidade mais remota, o problema da vida inda não está resolvido—*adhuc sub judice lis est*. E' sobre elle que assenta a base da medicina propriamente dita; é elle que ha de levantar o veo mysterioso da philosophia do *eu*, como parte, que é da sciencia do homem; e dar os meios de melhorar a especie humana; muito nobre, e muito digna missão, que está reservada á medicina (1) E' o conhecimento d'esse segredo, que fará desapparecer a divergencia das doutrinas, e unirá debaixo das mesmas bandeiras solidistas, e humoristas, vitalistas, e organistas, e todas as seitas medicas.

Sem um conhecimento exacto da vida (2) não se-apreciarão bem as mo-

(1) *Se ha meios de aperfeiçoar a especie humana, na medicina é que se hão de procurar.*
—Descartes—

(2) *Ainda mais uma nota explicativa. Não entendo por vida o principio, ou causa dos phenomenos, que se-passão nos corpos organizados, como muita gente pensa; e sim com o Barão de Richerand, a reuivão d'esses mesmos phenomenos.*

lestias, as quaes se-traduzem pelos desarranjos dos phenomenos d'ella (1). Um orgão está doente quando vive mal, quando uma alteração material tem mudado a ordem de seus movimentos, e de suas acções; e se o diagnostico da molestia resulta principalmente da comparação entre o que devia ser naturalmente o funcionar dos orgãos, e a actualidade pathologica, quanto não é urgente a clareza no elemento physiologico do juizo, que se forma! E não só na pathologia; a therapeutica, a hygiene, e em geral toda a medicina não exigem menos a sciencia das funcções. O medicamento, que tem de fazer com que o orgão entre em seu estado ordinario de saude, é avaliado pelas modificações, que leva aos phenomenos organicos. Só o empirismo é que faz applicação cega de medicamentos, sem curar da maneira, porque elles obrão, e nem que mudanças apresenta o organismo submettido á sua influencia, a não ser o resultado final, que é a unica cousa, que a myopia dos empiricos pode enxergar. Emfim para que é estar particularizando? Tudo que se passa no homem, desde o phenomeno mais complicado do pensamento até o acto mais simples do organismo, entra no dominio da physiologia, e está em o numero das funcções.

Agora de como se haverá o observador em cousas tão importantes direi em geral. Conhecida previamente a machina, devidem-se os phenomenos, que ella apresenta em grupos, que se-chamão funcções. Esta divisão não é arbitraria, e nem está na natureza; não se pode dizer, que esta é a primeira, que aquella é a segunda &c.; ha um tal consenso entre ellas — *consensus unus* — que estão todas mais ou menos dependentes umas das outras. E assim admittido, e sabido, que se não deve esperar estrema-las completamente, abraça-se a divisão, que parece menos imperfeita, aquella que considera as funcções de tres ordens differentes: funcções de nutrição, de relação, e de reprodução; indaga-se depois uma a uma todas as que pertencem a estas tres divisões primarias; observando-lhes o mecanismo no homem, uma, e muitas vezes, notando suas variedades consecutivas ás diversas influencias, que podem modifica-las, seus desarranjos, sua therapeutica, tudo emfim, que lhes-diga respeito. É pena que, em cousa de tão primeira carencia, não possa a observação sempre ser bem succedida. Mui grande parte de quasi todas as funcções está fóra de nossos dados de observar. Que ha de real na sciencia sobre a função da geração, (2) da nutrição, e d'outras, em que os sentidos não tem podido penetrar? Quasi nada: hypotheses, e conjecturas pela maior parte; por isso o observador deve aproveitar todos os casos de espiar a natureza, e apanha-la, por assim dizer, em flagrante. As vezes uma ferida, ou uma abertura anormal é a porta, por onde se entra para o descobrimento de muitas verdades. Aqui inda mais se faz sentir a necessidade da observação comparada nos diversos animaes; as viviseccões, as experiencias physiologicas são ricas

(1) *Medicus cognoscere debet homines sanos, quos aegros curaturas est*
Galeno.

(2) Não se conhece o profundo
Milagre da geração,
Como é composto perfeito
O que era ha pouco embrião

—J. A. de Macejo—Lyra Anacreontica.

minas de observação. Infindade de animaes se tem sacrificado para aquisição das poucas verdades, que a physiologia possui. É barbara essa especie de holocausto feito á sciencia, que já os-teve tambem de victimas humanas; (1) mas entre tanto é preciso, que os animaes inferiores venhão pagar seu tributo de vida em proveito nosso; é essa a ordem natural das cousas. *Viva animalia incidisse necesse est*, diz Hailer, e continúa: *hæc crudelitas ad veram physiologiam plus contulit, quam omnes fere aliæ artes, quarum conspirante opera nostra scientia convaluit.*

Como do estudo das funcções, que são effeitos, se não pode separar a ideia de causa; e como a *machina* só da maneira, que a-conhecemos hoje, não seja sufficiente para dar a razão de taes effeitos; segue-se, que a indagação d'essa causa, ou principio da vida não é tanto para desprezar, como alguns tem dito. O que preside ás funcções do organismo, (que bem pode ser um principio material, pois que não ha, como para o pensamento, repugnancia em admitir esta hypothese) quando se-desarranjar o organismo padecerá; e claro está que, para leva-lo ao estado natural, é forçoso subir á causa do mal. Ora as causas não costumão de mostrar-se senão por seus effeitos; e assim para estuda-las, devem-se conhecer bem os effeitos; o que só se-obtem por uma observação rigorosa. (2) Eu bem sei que até hoje as causas primarias tem ficado lá no seio da natureza; e até penso, ser mui provavel, que ellas escapem sempre ao entendimento humano (3); mas nem por isso devemos desanimar. Muitas vezes o que supomos causa primaria é elleito de outras causas anteriores no circulo de successão de causas a effeitos. O systema da vida está por ventura tão conhecido, que se-ignora apenas um de seus extremos, o seu principio? Não por certo; resta muito caminho, que vencer para chegar a esse ponto; continúe por tanto o estudo dos effeitos; progrida a observação.

O *modificador* deve ser considerado em todas as suas relações com a physica, chimica, e anatomia; depois em quanto ás mudanças, que produz no organismo são, ou doente, em respeito ás alterações organicas, á sua associação com os medicamentos, que modificadores são tambem, em suas relações com os climas, temperamentos, profissões, leis, religiões, e costumes. Estes modificadores embora numerosos estão longe de serem sós; ha demais outra classe d'elles, que tem influencia muito activa sobre o organismo; quero fallar das paixões, ou affecções moraes. O homem no meio dos cataclysmas sociaes, em que vive, está a todo momento exposto ao tumultuar procelloso das paixões, que dentro em seu coração se-encontrão, se-debatem, se-abalroão, e deixão alfin lá nesse theatro

(1) *Longique optime fecisse Hierophilum et Erosistratum, qui nocentes homines à regibus ex carcere acceptos, vivos inciderunt, consideravitque, etiam non spiritu remanente, ea quæ natura ante clausisset, eorumque posituram, colorem &c.*

—Celsus, in prefatione; tom. 1. p. 8.—

(2) *La methode la plus sûre, qui puisse nous guider dans la recherche de la vérité, consiste à s'élever par induction, des phenomenes aux lois, et des lois aux forces.—*

Laplace. Essai philosoph. sur les probabilités.—pag. 258.

(3) *A respeito de causas primarias podemos repetir com um philosopho que se dicta ignorante: nous sommes sous dans la même ignorance des premiers principes, ou nous étions dans notre berceau.—*

de seus movimentos signaes indeleveis, que reflectem pelo organismo todo a cor, e o caracter da mão, que os-imprimio. Quem é que duvida da influencia das affecções moraes na produção das molestias, no curativo d'ellas, e na conservação da saude? Ao medico philosopho, ao medico observador compete seguir-lhes o curso para regula-lo quando desordenado. Uma d'estas observações moraes é muitas vezes o unico meio, que leva o homem d'arte á livrar da morte o infeliz doente, que se-ia finando, e já quasi transpunha os umbraes da eternidade. Em dous estados mui differentes se-pode observar o homem moral, e procurar, através do involucro, que o cerca, ler o que lhe-vai pela alma; o estado de saude no meio da sociedade, e o estado de molestia no leito do soffrimento. Que differença tamanha, que elle apresenta de um para outro! no primeiro a dissimulação, o egoismo, o interesse, a inveja, a vingança, e toda a cohorte das paixões senhoreão-lhe o espirito, encobrem-lhe os sentimentos reaes, e mal os-deixão perceber mesmo aos alhos mais perspicazes; no segundo ao contrario a dor com sua eloquencia terrivel afugenta todos os malignos perseguidores do espirito, e obrigando o homem a deixar a mascara, que costuma trazer, mostra o coração descoberto, e deixa ler em seu interior a realidade, que d'antes occultava, e que então com toda a pureza da verdade vem estampar-se na face, como os objectos em polido espelho.

A molestia. A observação das molestias merece um cuidado todo particular da parte do observador, por muitas razões, cujas uma não é menos interessante do que outra. Sem observação exacta não haverá conhecimento da séde e natureza das molestias, e por tanto não se-terá diagnostico, sem o qual não se poderá ter uma therapeutica racional. Desde então desaparece o medico, e fica o empirico, foge a sciencia, e permanece o charlatanismo; desde então corre mui serios riscos a vida confiada a olhos tão cegos. Depois, quando os factos pathologicos não forem bem observados, a medicina propriamente dita não poderá ir muito adiante como sciencia; pois que nunca se-acharão exactas relações entre factos mal observados. A generalização, tão necessaria para ajudar a memoria, e alivia-la do grande peso de factos parciaes, e que deve ser a expressão da principal feição de cada um, não terá lugar; e nem tão pouco se-fará uma classificação rigorosa, e fiel das molestias; hão de andar sempre os nosologistas a muda-las de um para outro repartimento de seu edificio ordenado. Em fim nunca o todo de observações, que forma a base da medicina será solido, e seguro, se as partes, que o-compõem não tiverem firmeza. Isto basta para mostrar quanto é de necessidade, que sejam muito bem observadas as molestias. E agora se perguntará: como se ha de observar bem uma molestia? A resposta em geral não é muito difficil, mas para particularizar não é facil. Em geral se-pode dizer, que a observação bem feita deve ser um retrato fiel do doente nos differentes periodos da molestia. Ora a molestia presuppõe uma causa, que o medico deve conhecer, e por isso precisa elle indagar da vida anterior do doente; tanto mais quanto as circumstancias d'ella podem ter muita influencia de modificação sobre a molestia, e dirigirem para o curativo; ha de interroga-lo tambem a elle, ou ás pessoas, que o-conheção, sobre sua idade, lugar de nascimento, do micilio ac-

8.*

tual, estado, profissão, hábitos, moletias, que já teve, e em alguns casos as dos pais, e ascendentes, remedios, que tomou, e outras muitas cousas, que a sagacidade do medico pode julgar necessarias. Todas estas cousas tem sua importancia, as vezes muito grande. Depois d'isto dirige o medico o seu interrogatorio sobre a molestia actual, sobre o que se-passou antes que o doente fosse submettido ao exame; procura-se conhecer qual foi a epoca certa do apparecimento d'ella, a maneira por que se-mostrou, que symptomas apresentou, que remedios tomou, qual foi o regime &c. Esta parte do interrogatorio é mui delicada; e o medico precisa ter muita sagacidade, e practica de interrogar para dar ás respostas dos doentes o valor, que ellas merecem, e muito boa fé para não força-las á feição das perguntas, filhas de suas idéias theoricas, e de seus systemas; eu digo *forçar* porque muitas vezes encontrão-se doentes de intelligencia tão rude, que respondem tudo quanto a gente quer, que elles respondão.

Sabidas estas circumstancias commemorativas, que servem de esclarecer a observação, passa o medico a examinar o doente, e pintar o quadro da molestia; para o que usará dos diversos meios de exploração, que a sciencia possui. O methodo, que se deve seguir na observação das molestias não é inteiramente indifferente. Ha molestias, que o practico logo á primeira vista conhece; nestas é bem começar o exame do aparelho, ou órgão doente, lá do lugar para onde o enfermo aponta gemendo; outras ao contrario exigem toda attenção, e conhecimentos do medico, que deseja descobrir-lhes a séde, e natureza; então é necessario começar a exploração pelos aparelhos principaes, e em particular pelos tres grandes systemas de inervação, circulação, e respiração. Qualquer que seja porem o aparelho de que se-começa, nunca se deve passar a outro senão depois de o-ter *exactamente* observado. Acabada a visita de todos os aparelhos, bem conhecidas as differenças, que ha do estado physiologico, trata-se de referi-las á molestia, que as-produz, e de que ellas são os indicios; e forma-se enfim o diagnostico; depois do que prescreve-se o tratamento mais conveniente ao mal já conhecido; e pesando-se o valor dos symptomas e a força dos meios empregados, dá-se o *prognostico* da molestia, no qual (de passagem o-digo) toda a circumspecção é pouca, e nenhuma practica é de sobra. Um medico zeloso de seu credito não deve ser prodigo de prognosticos. A gente do povo facilmente perdoa qualquer caso mal succedido, quando se-convence, que o medico não errou, que previu o acontecido; ao contrario faz ideia má do homem da sciencia, quando seu prognostico se não realiza, inda mesmo que seja a bem do doente; contentão-se, e alegrão-se com o curativo; mas sempre lhes-fica no espirito uns longes de duvidas desfavoraveis ao medico. O vulgo não quer saber dos *porques* da sciencia; só indaga do resultado; não quer incertezas no medico, deseja-o decisivo; é por isso, que o charlatanismo consegue as vezes tão grandes triumphos, embora momentaneos. O charlatão, cego como é, tudo afirma com segurança; é como o jogador; em uma de suas panacéas arrisca tudo ganhar, ou tudo perder; e quando o acaso faz pender a balança para o lado favoravel, então ei-lo de cima! ! E quantas vezes essa maneira cega, e tyramna de julgar do povo obriga alguns medicos a afrouxarem do rigor da verdade, e serem, não digo

charlatães, mas um pouco inexactos, e menos sinceros! Nem todos neste mundo são Catões; ha mesmo certos sentimentos de honra, que nem sempre podem fazer face ao peso dos preconceitos da opinião; e das ideias do tempo... Basta; insensivelmente ia entrando por estas considerações, que não são muito para o lugar; volto à observação das molestias; que é do que eu estava a tratar.

Do que ahi a cima fica dito, vê-se conhecida a traducção da molestia; sabe-se o lugar d'onde parte o grito de dor, o accento d'essa voz de afflicção —a natureza da molestia—; tem-se por ultimo o diagnostico. Bem; isso é quanto basta para racionalizar o tratamento; mas para basear a sciencia são precisas ainda muitas indagações, repetições, e comparações. Assim devem-se procurar as destruições, que as molestias deixão nos tecidos, nos órgãos, e nos aparelhos depois da morte; e ahi no cadaver todo o cuidado, e todos os sentidos bem álerta! A anatomia pathologica com razão é considerada o facto, que mais tem illuminado a sciencia; porem é innegavel, que o abuso d'ella tambem ha conduzido muitas vezes ao erro.

Não fecharei este artigo sem mais uma consideração, que me-parece não dever omitir-se; é a seguinte: assim como o estudo da anatomia comparada, e da physiologia nas diferentes classes de animaes tem sido de muito proveito á sciencia, tambem o estudo da pathologia comparada serviria de muito á sciencia das molestias no homem. Um trabalho nesse genero seria talvez a obra mais importante, que pudesse hoje apresentar-se.

Estas regras, que acabo de escrever sobre a observação das molestias, e que são quasi todas modeladas sobre as que deo o Sr. Bouillaud no seu opusculo de philosophia medica, bem que modificadas como entendi necessario, são, eu bem o-vejo, mui escassas; quem as-quier desenvolvidas, procure-as por essa immensidade de obras, em que ellas andão despersas, e principalmente nos bons modelos de observação.—

O remedio. Eis-me agora chegado ao ponto para onde tendem os duros trabalhos da medicina, á colheita do cereal plantado em uma terra com tanto suor lavrada, e toda cheia de espinhos de difficuldades. Depois de um pe-tregrinar continuo por estranhas terras, depois de longas fadigas, de muitas noites mal dormidas, de arruinar a propria saude sobre o nauseabundo cadaver, e ao pestilento halito dos hospitaes, depois de profundo meditar sobre os livros da sciencia, depois enfim de provações difficilimas chega o medico ao leito do soffrimento, acudindo aos dolorosos reclamos do doente, que para elle volve os olhos, como para um ente salvador, e por entre gemidos lhe-diz com o afflictivo accento do pungir das dores—curai-me.... E o medico?... É então que elle se-mostra o órgão activo, o agente da sciencia; é então, que chama a si toda essa provisão de saber, que andou ajuntando por tão longo tempo; é então, que a medicina passa do gabinete, e do amphitheatro para junto do homem enfermo, da theoria para a practica. E as duvidas se-augmentão nesse tribunal terrivel, onde um triste desengano immensas vezes invalida os mais bem combinados pensamentos; e um quasi scepticismo desanimador se-apodera do homem da sciencia, ao conhecer o nada de proveito de seus esforços....

Acerquemo-nos mais do ponto. Curar é o fim principal do medico (1). A therapeutica é a parte da medicina, que se-encarrega d'isso; é, como já disse, o agente, é a representante, a que mostra os resultados, e tem de executar as ordens de todas as outras; e como tal já se-está vendo, que a-considero uma sequencia, ou corollario, uma deducção immediata dos principios, que ellas estabelecem; emboravá d'encontro á opinião de um illustre medico francez (2); mas tenho em compensação a de outros muitos não menos credores de conceito, e reconhecimento, e o testimonho tambem de minha razão, fraca sim, porem não cegamente sujeita ao *magister dixit*. Admiro como o Sr. Luiz, que tão bem escreve, e raciocina, tomasse a peito defender a independencia da therapeutica, sendo isso hoje uma cousa, que quasi todos os medicos tem por de nenhuma importancia discutir; pois que não ha mister percepção muito aguda para saber, que não se pode concertar uma machina, sem lhe-conhecer o mecanismo; e que os meios a empregar para tal fim devem de ser todos sujeitos a esse conhecimento. E não sendo assim, como é que a medicina havia de ser uma sciencia? Como é que se ha de applicar um medicamento tonico, por exemplo, ignorando-se, que a economia está enfraquecida, ou em outras circunstancias, que o-exija? A medicina possui, é verdade, um certo numero de medicamentos efficazes, cuja acção ignora; mas isto não faz prova contra a opinião, que defendo; só o acaso os-descobriu;ahi o medico não entrou por nada.

Estamos empregando todos os dias a quina contra as febres intermittentes, sem saber a maneira porque ella obra; sem conhecer mesmo ao certo a natureza d'esta molestia. E qual será o medico, que se-ufane como homem de sciencia, por haver obtido felizes resultados d'esse medicamento? Nenhum o deve fazer; pois que embora cure, ahi, na applicação therapeutica, não obra como medico, scientificamente fallando; não é dirigido pela razão, senão que pela experiencia e principalmente os que considerão essa molestia de natureza inflammatoria. O medico é nestes casos empirico, não como o que descreve Zimmerman; é um empirico prudente, porque não pode deixar de o ser; não erra por si, erra com a sciencia. E o mesmo acontece com os demais medicamentos bons, cuja maneira do obrar é incognita. Concluamos pois, que a therapeutica não poderá nunca desligar-se da pathologia; que ha na medicina um empirismo involuntario; e que só o charlatanismo abraçará as proposições contrarias absoluta, e geralmente.

E sendo assim, que direi agora da homœopathia generalizada, e tomada como methodo therapeutico extensivo a todas as molestias? Que direi d'essa homœopatia, que lá se-está agitando no Rio de Janeiro, escrevendo, fallando, e apaixonando-se contra tudo? Eu talvez me devesse calar em attenção ao estado fosforecente, á que tem chegado as paixões na córte do nosso Imperio, motivadas pelo espirito de partido medico; mas seja-me licito dar minha opinião á

(1) Curar é o fim principal, e não o unico da medicina; porque ella nem sempre cura, porem ao menos consola sempre; eis a definição, que d'ella dá Fred. Berard: — *une science qui guerit quelquefois, soulage souvent, et console toujours.*

(2) O Sr. Luiz não considera a therapeutica como um corollario das outras sciencias medicas. Veja-se a sua obra — *Recherches sur les effets de la saigné*, p. 80, e seguintes.

esse respeito, eu que estou fora d'esse circulo exaltado, e que só procuro a verdade, e posso dizer com o poeta italiano :

Io parlo per ver dire
Non per odio d'altrui, ni per desprezzo (1)

O systema therapeutico do *infinitesimo* Hahnemann é um dos mais curiosos devanêos do espirito humano; e não mereceria uma refutação seria, se a tendencia absoluta, que tem o povo para tudo, que parece maravilhoso, lhe não tivesse dado a principio importancia mui subida; e se motivos ainda menos honrosos não levassem grande numero de medicos a abraçarem, e defenderem esse pequeno parto de uma imaginação desordenada. E na verdade, o que deo tamanho vulto a homœopathia na Europa inteira, ao apparecer d'ella? Entre os do vulgo já eu disse a razão; mas para com os medicos seus partidistas foi outra a causa: os estudos medicos são mui longos, e mui penosos; os resultados da medicina practica não são iguaes aos desejos, nem proporcionaes ás fadigas dos que tem levado toda a vida a estudá-la. Apparece em tanto um novo propheta de regeneração medica á pregar cousas nunca ouvidas, mostrando a sua doutrina como a famosa *arvore da juventude* (2); dispensando todo trabalho, deixando ignorar sem molestia o que a medicina tanto intenta saber, experiencia, observação, leitura &; e muitos correm para elle de braços abertos, e recebem, e adoptão suas idéias; e não lhes-soffre o animo, que de bom grado deixem aquelle arrimo, com o qual pretendião a força entrar para o numero dos sabios.

A homœopathia dispensa a anatomia, a physiologia, não quer saber da natureza, nem da séde das molestias, e tudo confia de seus globulos, suas doses millionesimas, billionesimas & ! ! Ella limita-se a enumerar symptommas, e a procurar medicamentos, que os possuão produzir iguaes em dose infinitamente pequena, para com elles batê-los um a um—*similia similibus curantur*—, embora sejam produzidos por lesões organicas mui differentes! De certo nada ha mais commodo. Facilmente se comprehende diz o Sr. Guerard (3), que esta maneira de ver abrevia muito os estudos medicos; e por isso não deve admirar o grande numero dos proselytos de Hahnemann. Não é tão commodo limitar-se a gente a notar os symptommas offerecidos em cada um caso particular, e procurar depois em sua folha de medicamentos aquelles, que dão lugar a phenomenos semelhantes?

«Basta saber ler para ter tanta sciencia como o maior practico do mundo» E com effeito, ficar um homem assim do dia para a noute constituido grande medico, e zombando do velho grego, que nos-veio dizer, que a vida era curta para a medicina com o seu—*vita brevis, ars longa*, seria de certo um verdadeiro prodigio! Infelizmente a ideia não vingou; pode-se dizer, que a homœopathia já existio; e assim mesmo nesse pouco tempo, que viveo na Europa, passou por muitas julgações, de paiz em paiz, de tribunal em tribunal, e em todos,

(1) Petrarca. Canzone XVI.

(2) A virtude maravilhosa dos pomos d' esta arvore era reparar, e acrescentar a vida, e renovar aos que os-comião.

—P. A. Vieira—Historia do futuro p. 24 da 1.ª edic.

(3) V. Repertório geral das sc. med. vol. 15 art. Homœopathia do Sr. Guerard.

triste d'ella, condemnada sem compaixão, expellida como um impestado, não achou um cantinho, em que pudesse abrigar a sua pharmacia de boceta (1). Desenganada expatriou-se, e veio cá para America em busca dos ares puros d'esta região de liberdade, e colonisou-se no Rio de Janeiro; ali teve a mesma sorte, que ao principio tivera na Europa; exaltou, agradou, adquirio partido; mas depois derão-lhe em cima, e lá se-vai finando, para só deixar uma lembrança irrisoria. — Não pude resistir ao desejo de dizer alguma cousa sobre a homœopathia; como se-vê não entrei em provas scientificas contra ella; bastão os golpes de morte, que lhe-atirarão os Bouillaud, os Guérard. e as de mais luzes da medicina, e que inda continua a derigir-lhe toda a razão de algum criterio. E nem é de cavalheiro estar assim a dar em um moribundo; deixemo-la...

Atherapeutica como sciencia dos remedios comprehende tres grandes ramos: a pharmacia, ou os medicamentos, a cirurgia, e a hygiene em parte. — O medicamento ha de ser considerado em quanto ao lugar, que occupa nas sciencias naturaes, suas formas, suas doses, e principalmente em relação a suas influencias organicas, physiologicas, pathologicas, e curativas. Para avaliar as mudanças, que produz um medicamento na economia, deve-se tomar por typo um individuo no estado de saude, notar minuciosamente todas as modificações, que lhe-imprime, tendo em conta as circumstancias de idade, sexo, temperamento, maneira de viver do sujeito, bem como o clima, a estação, os modificadores moraes, e tudo, que possa obrar sobre elle. Por se não ter attendido muito a estas cousas, é que se-attribuem aos medicamentos propriedades differentes, e oppostas. Quando está bem sabido tudo que o medicamento pode apresentar no organismo, então é que se trata de reconhecer as modificações, que trará ao homem doente, as quaes o practico já deve prever, suppondo como é de razão, conhecido o mal, que vai debellar; pois que ninguem deve tentar sem estes dados previos experiencias no vivo. Aqui o problema não é simples, senão que mui complicado; exigem-se primeiramente dous termos conhe-

(1) E sabido que toda a pharmacia de um homeopata caba dentro de uma boceta. Hahnemann foi perseguido, e obrigado a expatriar-se refugiou-se em Paris; sua doutrina teve a mesma sorte nos lugares, em que pretendeo firmar domicilio. Em S. Petersburg o conselheiro medico, depois de ter experimentado o tratamento homœopatico, declarou-o inutil, ou perigoso nos casos, em que se-deve obrar com energia; e por consequinte propoz a prohibição d'elle em todos os estabelecimentos sanitarios dependentes do governo. Em Napoles a auctoridade houve por bem revogar, ao fim de 45 dias de ensaios, a permissão, que se havia concedido para o estabelecimento de uma clinica homœopatica. Em Paris, alem das pesquisas do Sr. Andral na Piedade, fizeram-se novas experiencias do mesmo genero no Hotel-Dieu, nas enfermarias do Sr. Baily em 1834, com medicamentos preparados n'Allemanha, na mesma officina, de que Hahnemann tira os que emprega. Ellas forão infructiferas, e cessarão no fim de quatro ou cinco meses pela retirada do homœopata, que as-derigia. Finalmente em Lião o Dr. Polate, professor de clinica no Hotel-Dieu poz em abril de 1830 á disposição do Dr. Guey-rard trianta leitos de suas enfermarias. Este examinou as doses dos remedios, e prescreveo o regimen; desasete dias depois não appareceo mais, attribuindo seus máos resultados *aux miasmes do estabelecimento* &c. &c. &c.

cidos ; a acção do medicamento, e o diagnostico da molestia. Alguns tem querido resolvê-lo com um só conhecimento, o da molestia, ou o do medicamento, e esclarecer um pelo outro; mas eu entendo, que isto assim não vai bem. D'ahi tem nascido muitas duvidas, e muita confusão na sciencia. Eu leio os medicos italianos, e lá vejo o tartaro emetico dado com mão larga nas pneumonias, pleurisias &, e qualidades muito outras lhe-são attribuidas do que as que elle tem na opinião da maior parte das seitas medicas; recorrendo todas para a julgação da practica, com seus quadros estatisticos; e todas querendo a verdade para o seu lado. E de que vem isto? Serão esses quadros a fiel expressão de verdade; terão sido os factos bem observados? De duas opposições uma ha de ser necessariamente falsa; e o unico meio de distinguir a verdadeira não se pode achar senão estudando os factos em separado, cada um de per si; primeiro a acção do medicamento, depois a natureza, e séde da molestia, e finalmente a applicação therapeutica, cujo resultado o medico verdadeiramente instruido poderá com certeza prever, tendo em consideração todas as circunstancias, que aponte. Caminhando assim é que a medicina ha de um dia tomar assento entre as sciencias positivas. Não quero dizer, que ella seja inteiramente conjectural; não; ha cousas sabidas, certas, inconcussas; outras, muitas infelizmente, controversas, e duvidosas.

Os remedios tirados da cirurgia tambem tem que observar; elles constituem as operações, as quaes devem ser consideradas em sua generalidade, suas variedades, seus progressos nas diferentes epochas da cirurgia; e sobre tudo em relação ás partes, que interessão, e ás circunstancias, que podem acompanhá-las; e em quanto ao processo operatorio, do qual pende muitas vezes o resultado therapeutico da operação.

A hygiene, que é a parte da medicina particularmente encarregada de conservar a saude, entra tambem com seu contingente para a therapeutica; tambem vai depor o seu remedio á cabiceira do doente. Em algumas molestias de pouca intensidade os meios hygienicos as vezes bastão para o curativo; e quando assim não é, sempre elles entrão de parceria com os outros no restabelecimento da saude.

O remedio prestado pela hygiene tem de ser observado da mesma maneira com pouca differença, que o medicamento propriamente dito, e em relação ao estado organico do individuo. Entra tambem nesta ordem de remedios toda a grande secção dos modificadores naturaes, aos quaes em geral se applicão os mesmos methodos de envistagação, que aos demais.—

DA EXPERIENCIA.

A maior parte dos escritores, que tem tratado da observação, fallão *logo* conjunctamente da experiencia, e confundem estas duas cousas; eu mesmo no que deixo escrito já disse muita cousa, que é applicavel á experiencia; entre tanto dou-lhe aqui algumas lihas á parte, porque entendo, que observação, e experiencia não quer dizer uma e a mesma cousa; embora tenham muitos pontos de contacto. Todo o homem, que faz experiencias, observa; mas todo o homem, que observa, não faz experiencia; ou por outra, pode haver observação sem experiencia, porem não pode existir experiencia sem observação. A observação se-occupa dos objectos, taes como elles existem em a natureza; a experiencia é sempre um producto do raciocinio para penetrar o que á principio, e sem ella escapa aos sentidos, forçando os objectos por uma preparação artificial a patentearem o que é occulto; ou para reproduzir a vontade certos phenomenos naturaes, a fim de se-estudarem bem as suas leis. O que observa lê a natureza, como elegantemente disse Zimmerman, e o que faz experiencias a-interroga. Ninguem disse melhor a respeito d'esta separação do que Senebier; (1) falle pois elle: « O observador olha para a natureza como para um livro, cujos caracteres deve rigorosamente ler, sem lhes-dar significação alguma; elle a-estuda por seus sentidos como ella se lhe-offerece; presta-se somente ás sensações, que os objectos externos fazem nascer; o experimentador força a natureza a deixar seu aspecto ordinario, forma-lhe outro por meio de novos phenomenos, que elle cria. O observador vê os phenomenos da natureza entregue a si mesma; o que faz experiencias vê o resultado de suas combinações. A observação acha a verdade collocada debaixo dos sentidos; a experiencia procura-a por todos os meios, que possão mostra-la. A observação faz conhecer as propriedades dos corpos; a experiencia assegura-se d'ellas, e mede a sua energia. »

A experiencia, e a observação devem ser inseparaveis para o conhecimento da natureza. A observação conduz-nos á experiencia pela curiosidade, que produz, e pelo desejo, que inspira de sentir mais uma vez, e de certificar o que se observou. A observação mostrou, que as folhas vegetaes olhão sempre para o céu por sua face superior; a experiencia veio dizer, que esta disposição era de necessidade natural; visto que as faces inferiores são mais proprias para a absorvição; e que ellas voltavão-se por si mesmas para ganhar a posição indicada. A experiencia tambem nos-leva á observação pelo desejo de encontrar em a natureza cousas analogas ás que são resultado do raciocinio. Certos phenomenos naturaes só pela experiencia se podem conhecer; só pela experiencia é que se soube, que um corpo sonoro tocado, dentro do vasio de um recipiente, não dá som algum; o que lançou os fundamentos da theoria dos sons.

Todo o mundo comprehende hoje a necessidade da experiencia para o es-

(1) *Œira citada* v. 1.

tudo da natureza; ella é a pedra de toque da observação, a que enrobusteece, ou invalida os factos observados, e inda mais as theorias e hypotheses (1). Umá só experiencia as vezes basta para lançar por terra as cogitações de muitos annos, como o-disse Haller em sua physiologia; *unicum saepe experimentum integrorum annorum laboriosa figmenta refutarit.* (2)

Um auctor disse: tudo que possuimos de positivo nas sciencias pode se reduzir a cem paginas, e estas cem paginas devemos-las á experiencia.

Sem ser tão exclusivista reconheço de bom grado todo o poder da experiencia; mas para que ella possa adiantar a causa da sciencia, é mister que seja exactamente bem feita; é para ella que se precisa de muito saber, muita sagacidade, e muita agudeza de ingenho, para ella digo, para concebe-la, sobre tudo, e para executa-la tambem. Uma experiencia não é grande e digna de admiração pela execução, senão que pela concepção; conceber bem uma experiencia é já ter meio caminho andado para chegar á verdade; porem a execução exige tambem muita sagacidade em separar o que se quer experimentar de tudo o mais, para que se possam rigorosamente avaliar os resultados; isso é mui difficil por certo, pois que muitas são as cousas, que numa experiencia se não podem separar, como já se-queixava o illustre Haller em seu tempo (3); e é por isso que a philosophia experimental não tem progredido, como se esperou de primeiro, ao apparecer d'ella; é d'ahi que nascem as experiencias contradictorias, que estão todos os dias apparecendo. Um só fio do grande sympathico basta para pôr em opposição os mais famosos experimentadores A's experiencias pois é applicavel tudo quanto disse a respeito da observação.—

Aqui ponho termo ao que tinha a dizer sobre a observação, e passo a tratar da segunda parte de minha these.

(1) *Necessitas medicinam invenit, experientia perfecit. Baglivi.*

(2) *Elem. Physiolog.*

(3) *Est in his omnibus experimentis lex, cujus neglecte penas maximi aliquando viri luerunt. Nullum unquam experimentum administratio nulla, semel debet institui; neque verum innotescit, nisi ex constante repetitorum periculorum evéntu. Plurima sunt aliena, quae se in experimenta immiscent, discedunt ea in repetendó, idea quia aliena sunt, et pura supersant; quae ideo perpetuo similiter eveniunt, quod ex ipsa rei natura fluant.*

Haller. Elem. physio. praf. V.

DO ESPIRITO PHILOSOPHICO EM MEDICINA,

Cabe-me agora solver aqui o problema, que enunciei noutra parte d'esta thèse. Como raciocinar em medicina? Responderei.

O raciocinio applica-se aos factos da medicina da mesma maneira que aos das outras sciencias, excepto á parte psychologica d'ella, de que ora me não incumbe tratar; tanto em uma como em outras o elemento racional não é mais do que uma applicação da logica geral; mas como ella pode declinar-se pelos objectos, com que tem de haver-se, tomando em cada um feições particulares, em quanto conserve aquelles ares de familia, communs á philosophia de todas as sciencias, convem dizer a maneira porque se ha de fazer essa applicação; e tanto mais quanto á logica geral muito lhe falta para ser completa, e que ninguem achou ainda os dados de raciocinar nas sciencias medicas com inteira segurança. As diffiuldades ahí estão á vista em cousa de tanta importancia; não ha mister de encarecê-las; no ultimo aqui é que vem ter todas as opiniões, theorias, e systemas de medicina. É nisto que se ha de encontrar a *rasão* da sciencia.

Supponhamos uma consideravel somma de factos, que a observação andou ajuntando em seu decorrer aqui e alem; attentemos para essas preciosidades, que inda carecem de cultivo para serem de proveito, e demos-lhes o ultimo trabalho, sem o que ficarião inutilizados; pois o raciocinio é para o produto da observação, e da experiencia o que o estomago é para os alimentos; tem de digiri-los tambem a seu modo, afim de formar o quilo de resultados são, e livre de erros, capaz de dar vida, e vigor ás theorias da sciencia com o alimento da verdade. Sigamos o mesmo methodo, que até aqui temos indicado, e abracemos a analyse para ajudarnos a razão. Não é possivel que de uma só vez o espirito abranja a massa consideravel de factos, que baseão a sciencia; ha de visitar um por um, indagar, e examina-lo por todos os lados, procurar as relações de causalidade, que ligão cada um d'elles, e, depois que a analyse tiver esquadriñado tudo, tirar a prova pela synthese; e só deixa-los quando elle estiver conhecido em si, e em todas as suas correspondencias; que só assim poderão elles adiantar a sciencia, que é o todo d'esses factos particulares theorizados; como ahí para diante se verá.

Quando a observação da molestia tiver fornecido uma historia exacta, procure-se achar a causa do observado, dà relação da condicção organica actual com o drama phenomenal— o quadro symptomatico—, e por derradeiro o resultado dos meios empregados para o curativo.

Uma cousa devo eu adiantar aqui; e vem a ser, que o resultado d'esse trabalho intellectual não é o mesmo em todas as epochas da sciencia; o que vale como se eu disséra, que nem sempre elle tem uma certeza muito ao abrigo das revoluções scientificas; o passado lá está nos indicando circunspeção para o presente, e mesmo alguma desconfiança. Em outros tempos essas explicações, e

juízos medicos, que hoje unanimemente se-estimão falsos, forão tidos por mui verdadeiros; e aos nossos d'agora, quem lhes-assegura estabilidade? Quem nos-affirma, que não venhão elles a ser o que os d'outras eras estão hoje sendo? Com tudo ha fianças muito ricas de probabilidades em favor da sciencia de nosso tempo; os antigos não podião observar como nós; carecião dos favores, que nos-prestão agora as sciencias naturaes, que então apenas começavão de nascer; a physica, a anatomia, a physiologia &c. É por isso, que na maior parte dos casos não atinavão elles com a relação, que deve de existir entre a molestia, e os agentes, que a-produzem; é por isso que não podião conhecer a natureza das molestias. Não pretendo porem dizer, que nós já possamos entoar o hymno da segurança para a nossa sciencia; tambem não conhecemos a causa de muitas molestias, da cholera-morbus, da bexiga &c. &c.; não sabemos como obrão muitas das que nos-são patentes; as paixões por exemplo, e muitas outras. Inda temos muito que estudar, e que descobrir. Quem me-dera saber o que se-ignora da medicina!.....

Conhecidos, e observados todos os factos singulares, e suas relações, não poderamos inda assim ter verdadeira sciencia, e muito menos systema, se outro recurso, grande, poderoso, em nosso auxilio não chamassemos. Que cabeça de homem ha hi, que tenha capacidade sufficiente para conter os factos todos de uma sciencia confundidos, e misturados sem ordem? Que memoria tão feliz, que os possa apresentar ao espirito, quando d'elles houver mister? Se em principios da medicina, em sua infancia, vio a gente tendencia decidida, e exagerada para ordenar os factos, e generalizar, quanto mais agora que o cabedal é tamanho! Assim pois, é de urgencia, que se-tomem os signaes communs a esses factos todos, seus caracteres principaes, seus distinctivos para reuni-los, e formar a noção geral, a ideia principal, a abstracção, que permita de uma só vista percorrer o campo todo da sciencia, e ver muitos individuos reunidos, e ligados por um laço a todos commum, classifica-los, e systematisa-los.

Ha na generalização um duplo escolho por demais perigoso, em que tem naufragado a imaginação dos systematicos de todas as epochas; e muito de sobre aviso devemos nós estar, e apercebidos para desattender á voz da phantasia, que sempre nos-chama para fóra do *positivismo* da sciencia, levando-nos para a orbita dos possíveis. Lá na antiguidade o astro da medicina grega, grande observador como era, não poude escapar da molestia contagiosa de abstrahir em excesso; e tanto que chegou a dizer: — *omnium morborum modus unus, locus differentiam facit*. Platão, que foi o pai dos espiritualistas, e depois d'elle Aristoteles, com quanto em muitos pontos lie-fosse opposto, e demais todo o partido do dogmatismo antigo, até os essencialistas da nossa epocha, forão muito alem do permittido pela razão; voárão, perderão-se no espaço, abstrahirão muito. Outros amedrontados, e alquebrados de fadiga em busca de explicações, e causas, que não achavão, desesperarão, e convertêrão sua ignorancia em seita. Ahí está na historia o *epilogismo empirico*, que por tantas phases tem passado, ora abaído, ora elevado, e que inda apparece em nosso tempo, de longe em longe, com uns clarões, antes pallores amortecidos, que se-escodão rapidos, e perfeitamente se-casão com a maior parte das intelligencias, que os-abrigão. Estes ul-

timos forão errados como os primeiros, embora oppostos; não chegarão á altura da verdade; abstrahirão pouco. Assim pois, não seja a abstracção excessiva, e nem seja minguada; que n'isso vai comprometida a causa da sciencia. As regras á seguir na abstracção medica não são facéis de dar; com tudo uma das primeiras é não abstrahir senão sobre uma grande massa de factos, que formem maioria na sciencia, se quizermos a ideia geral verdadeira. É verdade, que se pode permittir uma generalização hypothetica, assentada em poucos factos; mas como passageira só, como definitiva não; isto é util, e tem suas conveniencias, como mostrarei em lugar competente.

Nas molestias a abstracção que as-classifica, deve fundar-se em a natureza d'ellas, e não em bases tão movidiças, como o grupo dos symptomas, que tornão a medicina uma sciencia puramente descriptiva, se é que a isso se-pode chamar sciencia, e que nem sempre tem uma relação constante com as molestias (1). Em ultimo direi com o discipulo de Broussais: (2) « a faculdade da generalização é a mais nobre de todas as que concorrem para a construcção do edificio scientifico »: mas essa arma tão valente tem dous gumes; convem brandida por mão de mestre; que do contrario será nociva, em vez de util. A maior parte dos factores de systemas tem abusado d'ella generalizando excessivamente, e formando theorias a seu bel prazer, para subir por ellas até lá a unidade, que é o alvo, á que atirão os systematicos todos. Esse abuso da generalização, essa construcção ruim dos systemas, e máo uso de theorias naturalmente me-levão a fallar d'elles mais d'espago.

(1) *Symp. omata nec inter se, neque causis manifestis respondeata.* — *Selle. Pyret. Febr. atactae.*

(2) Bouillaud. *Obr. cit.*

AOS FACTOS DA MEDICINA,

De alguns annos para cá a palavra *theoria* tem sido objecto de longa, e interminavel discordia entre os medicos, separados em dous partidos de sentir differente; uns tomárão por divisa—*theoria*, e *abstracção*; inscreverão outros no estandarte de sua crusada—*observação*, e *experiencia*. Os primeiros elevárão-se á altura da intelligencia, e forão dar muita vez na escola fantastica de Kant; os segundos descêrão á simpleza dos sentidos, e parárão em seus primeiros resultados. E me está parecendo, que a contenda não é d'agora; lá vem de muito longe; não é nova, e renascida; e de veras o dogmatismo dos antigos não tem tanto parentesco com as theorias de hoje? o empirismo de outro tempo, e a observação moderna não se-tocão por tantos pontos? O espirito humano não podendo ir muito alem pelo campo das verdades, como que volta aos pontos d'onde partira a examinar de novo o que já havia deixado; os descobrimentos, que se hoje fazem pela maior parte despontárão na antiguidade; quando não desenvolvidos ao menos em embrião; o principal, as ideias rudimentares lá estão; (1) *multa renascentur, quæ jam cecidere* (Horat.)

Não me-afasto do meu proposito; á elle: *theoria*, ou *observação*? A resposta não é para momento; ha-de vir depois da reflexão. A questão, que occupa hoje as capacidades scientificas merece ser tratada á fundo, com madureza, e sciencia; d'outro a—esperem assim acabada, e inteira, que não de mim; apenas vou dizer o que entendo do que á tal respeito se tem escrito, e professado. Para ir com ordem saibamos primeiro o que é *theoria*, depois o que *systema*, e finalmente se devem ser admittidos, ou excluidos dos dominios medicos.

Muitos tem confundido os termos: *theoria*, *systema*, e *doutrina* como synonymos, referindo á todos elles a mesma ideia; isto é um abuso reprehensivel, que só serve de trazer confusão á linguagem medica; cada uma d'estas palavras exprime ideia differente; e cumpre bem fixar-lhes o valor para evitar enganos.

Theoria quer dizer em sua significação genuina, o conhecimento das leis, que ligão as causas aos effeitos (2); *theorizar* é procurar a relação, que existe entre as causas, e os effeitos naturaes. A natureza não apresenta á observação senão os effeitos; as causas não as podemos nós perceber senão depois de um trabalho secundario, trabalho da intelligencia. Formar *theoria*, é procurar a in-

(1) Assim podem se lisongear os nossos modernos de encontrarem o seu prototypo na antiguidade diz o sr. Silvestre Pinheiro em suas—Noções element. de Philos Geral. Paris 1839.

(2) Assim rezão os Dicionarios dos melhores lexicographos portuguezes, e francezes, que consultei.

cognita de um problema por meio de uma quantidade conhecida. *Systema* é mais generico, tem significação mais extensiva do que *theoria*; o *systema* coordena todos os factos, ou principios geraes de uma sciencia, que já forão *theorizados*; é o todo ordenado de tal sorte, que vai ter a uma proposição final, a qual é como o thema da sciencia inteira, onde ella toda vai dar. A *theoria* pode tratar de uma parte só ninguem; dirá o *systema* de obstrução de Boerhaave, e sim a *theoria* da obstrução; bem como não se-chamará *theoria* do organismo a explicação dos phenomenos da vida pelo conhecimento da organização, e forças, que a-regem.

Doutrina tambem diz *todo*, e todo ordenado; porem indica de mais a exposição d'ella á discipulos, presuppõe uma escola, homens, que tem-n-a por divina. Assim feita esta pequena explicação distinctiva fallemos de *theorias*.

Em as numerosas mudanças por que tem passado a medicina, avultão, como já disse, duas, que tem origem lá muito alem na antiguidade, e que mais ou menos modificadas por essa viagem secular, que fizerão, chegarão até nós, e inda ali subsistem: uma querendo achar a *razão* de tudo da medicina, formando *theorias*, a outra desdenhando-as.

Os adversarios das *theorias* em medicina, em cujo numero se-encontrão nomes de muito valor, (1) ao reconhecerem a impossibilidade actual de achar a relação causal exacta dos phenomenos todos de uma sciencia por indução logica dos factos, ao verem, que as *theorias* ruins, que mal pola sciencia são numerosas, tem estorvado o progresso da medicina, notando que ellas passão, e subsistem os factos, e que o empirismo tem dotado a arte de curar de algumas applicações practicas felizes, concluirão que as *theorias*, longe de serem uteis, são nocivas ao estado da medicina; pois que nenhuma é verdadeira; e que se deve o medico limitar á observação, e experiencia como ao que ha de real em medicina. Os principios dos anti-theoricos podem ser verdadeiros; mas suas consequencias são evidentemente falsas; provemo-lo por partes.

As *theorias* não são uteis ao estudo da medicina.

Os máos resultados das applicações theoricas á practica da medicina de tal guisa tocarão aos cultores da sciencia, que muitos d'elles houverão medo á *theorias*, e se-forão lançar ao extremo opposto, mal cuidados no erro, que commettião, rebaixando d'est'arte a nobreza de sua intelligencia, abafando a luz do entendimento, que os havia de guiar pelo caminho escuro das sciencias. E não só a mediocridade, que não sabe elevar-se á altura da philosophia critica, disposta como está sempre a receber o que vem acobertado de um nome illustre; tambem grandes capacidades se deixárão cegar pela nuvem do erro; desconhecêrão o elemento principal das sciencias, e em sua apostasia proclamárão a medicina limitada á observação; e reduzirão-lhe o estudo á uma especie de mecanismo!... (2)

Em medicina *sem observação não ha sciencia*, eis uma proposição verdadeira; porem a observação não basta só para lhe-dar o ser scientifico; pelo

(1) Latenc, Bayle, Chomel, e outros.

(2) *L'art de faire des recherches en médecine est presque réduit à une sorte de mécanisme*, Bayle *Traité de la phthisis et pulmonaire*.

que tambem é verdadeira est'outra proposição : *sem theoria não ha sciencia.*—

A observação sem raciocinio nunca ha de passar de empirismo ; ao passo que o raciocinio sem observação só chegará aos systemas vãos ; é preciso easal-os , e uni-los.—

Os factos por mais numerosos , que sejam , e mais bem observados não formão por si só uma sciencia ; são como os materiaes , que carecem de ser obrados para com proveito se-empregarem na construcção do edificio medico. Sem factos não ha duvida , que nunca teremos sciencia , bem como sem materiaes não é possível construir um edificio ; e da mesma maneira que estes precisão de um agente , que os-reuna , e aperfeiçõe para darem um todo harmonico , assim os factos da observação carecem d'outro princio , que os-ajuste , confronte , e ordene , procure-lhes as leis &c. afim de constituirem um todo solidario , que é a sciencia.

O principio activo é o raciocinio , os factos são os materiaes , a obra é a theoria. Fornecer novos factos á medicina é , como diz o auctor da—*Historia das Phlegmasias chronicas* , augmentar-lhe o cabedal de riquezas ; mas é preciso que a theoria , como o fogo animador da estatua de Promethêo , venha dar vida de sciencia á esse gigante de observação ; é preciso que o raciocinio , elemento philosophico das sciencias , como lhe-chama Bouillaud , os-disponha , e ordene segundo o grao de parentesco , que tem uns com os outros ; que os-interrogue separadamente , e procure a relação , em que estão para com as causas d'onde derivão ; que faça com que mutuamente se-ajudem , que os *theorize* em fim.

O medico , que se limitar simplesmente a observar , e parar na contemplação dos phenomenos pouco terá feito pela sciencia ; esses productos da observação desligados , e mudos não saberão responder ás questões scientificas ; ficarão estereis até que o raciocinio os-ligue por uma theoria. E isto não só na sciencia do homem propriamente dita , como em todas as outras ; ali está a historia da chimica , que é um exemplo bem sensivel do que acabo de dizer ; em-quanto ella foi a alchimia , que se-occupava de procurar a celebre *pedra philosophal* , isto é enquanto constou de receitas de charlatães , e simples observações , nunca passou de um sonho de imaginações exaltadas , nunca poudé augmentar , nem entrar em o numero das sciencias ; mas depois que os phenomenos observados forão methodicamente confrontados , depois que appareceo para ella uma theoria , ci-la que se-alevanta , e cresce cheia de seiva , e de vida , e vai alistar-se entre as que tem categoria de primeiras nas sciencias naturaes.

Explicar , e theorizar os phenomenos observados é uma necessidade innata ; o espirito humano não se-contenta com a observação dos factos ; por uma tendencia natural procura-lhes a razão , e vai dos effectos ás causas. Os que mais tem pugnado contra as theorias estão sem se-aperecerem em contradicção com siigo mesmo ; fallão , e escrevem com muito calor contra o poder explicador , o elemento racional ; mas na practica é outro dizer ; e ali está o auctor da *Escutação mediata* : elle , que era tão anti-theorico em theoria , recorreo á theorias todas hypotheticas , para explicar os mais simplicés phenomenos physicos , como os diversos ruidos do coração , e das arterias ; theorias muito anti-physicas , que foi buscar nos espaços abstractos do vitalismo.

Chomel, que tambem se-distinguio nos combates contra as theorias, e explicações, apresentou, como para mostrar que do contrario estava convencido, uma pathologia geral, isto é, uma obra constante de abstracções, generalizações, e inducções, que são todas devidas ao elemento racional.

Os anti-theoricos enganão-se de todo quando nos-recommendão a proseripção das explicações a exemplo dos grandes escritores antigos, que ao dizer d'elles não tiverão theorias.—Hippocrates, Aretèo, Boerhaave, Haller, Sydenham, Morgagni, &c. não se-contentarão somente com a observação, como affirmão os empiricos modernos. Hippocrates tinha uma theoria, a da cocção dos humores para explicar as molestias; todo o mundo conhece o systema da irritabilidade halleriana, e a theoria da obstrucção de Boerhaave, e assim de outros que fora longo estar citando.

Por mais que digão os da escola empirica não é possivel banir da medicina o espirito de theoria, pelo qual se-designa o todo das operações intellectuaes applicado á creação da verdadeira sciencia. Ao sentir de Zimmermann os que fingem só conhecer em medicina a experiencia como o unico meio de acertar, são barbaros, que feixão os olhos á verdade, cujo hrilho os-fascina". É impossivel, diz Broussais no seu Exame das doutrinas medicas, que o homem não raciocine sobre o que observa, qualquer que seja o genero de pesquisas, á que se dê; e os que se tem gabado de regeitar toda a especie de explicação em medicina, só o tem feito para os casos, em que não podião achar alguma.

Querem alguns, que a theoria seja o *resultado dos factos redusidos a principios*; pois que n'uma sciencia essencialmente de factos, como é a medicina só d'elles devemos partir para nos-dirigirmos ao raciocinio. Esta é a marcha philosophica do espirito humano na indagação da verdade; partir do conhecido para chegar ao incognito; e a theoria assim formada é a unica, que tem *logo desde o nascer*, quando o raciocinio é são no tirar das inducções, um grau de certeza, que se pode conservar sempre, e fazer frente ás revoluções scientificas dos tempos; é a unica, que tem desde logo *cuinho legal de verdade*. Esta maneira de formar theorias presuppõe o conhecimento dos factos observados; mas sendo a observação, e a experiencia muito demoradas, e não havendo sciencia natural, cujos factos todos tenham sido observados, segue-se, que nessas sciencias não ha theoria completa, que tenha cuinho de verdadeira. No rigor da logica é certo o raciocinio, que acabo de emitir; bem como é mui provavel, que assim nunca chegaremos a ter uma theoria; pois que devendo ella ser uma deducção logica dos factos, é mui *provavel tambem*, que nunca cheguemos a observar todos os phenomenos, que compõem o corpo de uma sciencia; e d'este modo não teriamos sciencia strictamente fallando; pois que não possuiriamos *conhecimento claro, e evidente* das differentes partes, que formão o seu dominio, e das relações, que as-ligão; quando muito teriamos uma bastardia scientifica, uma fracção de sciencia obscura, e rodeada de duvidas, como muitos julgão ser os conhecimentos humanos (e se o pensamento não é exacto muito pouco lhe-falta para isto.)

Este methodo analytic de theorizar tem a vantagem de serem mui seguro em seu resultado; por.é sobre modo demorado em sua marcha; exige limpo, e prompto o caminho, por onde ha de seguir; e a emprega-lo só muito atrasa.

dos andariam; se muito lhe devem as sciencias, inda mais devem ao poder de abstrahir, (1) ao methodo synthetico.

A analyse, e a synthese empregão-se ambas no descobrimento da verdade. (2) As theorias, que hoje a sciencia possui, havidas por melhores, e mais admiraveis não forão formadas á posteriori ou consecutivas á observação dos factos; forão actos da intelligencia, forão concepções felizes, que passarão depois pelas provas da observação. Newton não formulou a sua theoria das forças, e o seu systema de attracção depois de observar todos os phenomenos physicos do universo, que elle explicou; não de certo, notou alguns factos, abstrahio, generalizou, e a abstracção deo a theoria, que explica satisfatoriamente o universo physico. A queda de uma maçã lhe-revelou o systema do mundo. Da mesma maneira chegou elle a conhecer sem inducção directa a combustibilidade do diamante, e a presença de um corpo combustivel n'agua pela refração dos raios luminosos passando através d'estes corpos. Archimedes acha a hydrostatica no banho. É esta vista rapida, e profunda, que da observação de um facto como de um ponto limitado, se-estende aos ultimos orisontes da sciencia, e abraça-os todos de uma vez, que dá a verdadeira medida do genio.

A respeito de theorias eu direi com o professor Bouillaud;—que ce serait un véritable contre-sens scientifique, que de vouloir proscrire de la médecine les theories.

A synthese, que faz tão bons serviços á medicina pode se tornar um meio de duvidas, e erros quando for empregada sem ordem, e em todos os casos. Na medicina, que é uma sciencia de factos, não se devem de phantasiar leis improvaveis para os que não estão conhecidos; o mesmo valera querer advinhar a natureza, (3) ou querer que ella dobre suas invariaveis leis aos nossos calculos, e caprichos.

O methodo synthetico nunca se deve empregar sem ao menos um principio plausivel d'onde se parta; assim por exemplo, da observação de um pequeno numero de phenomenos, e do conhecimento de suas leis, podemos razoavelmente tirar uma lei geral para todos os da mesma natureza, em bora muito modificados; e isto porque em geral a natureza faz depender muitos phenomenos de um pequeno numero de principios, e de leis (4); digamo-l-o melhor; o systema da natureza é o systema da unidade; em ultima analyse todos os phenomenos naturaes dependem de um principio unico. Na ordem successiva d'esses phenomenos ha uma relação tal de causalidade, que a causa de tal phenomeno é effeito de outra causa anterior,

(1) *Toute clarté est dans les idées. Les abstractions philosophiques n'ont pas cette réputation, je le sais; c'est pure ingratitude; toute lumière est dans l'abstraction, c'est à dire dans la réflexion, c'est à dire encore dans la philosophie.* — Cousin 3.^a lição do curso de hist. da philosoph. p. 6.

(2) *Pour faire des progrès solides, dit Barthez, dans la philosophie naturelle, il faut donc employer successivement une methode analytique, et une methode synthétique.* V. Sc. do homem vol. 1. p. 16.

(3) *Dans chaque science naturelle, on ne doit point se proposer de deviner la nature.* Barthez—Ohr. cit.

(4) *Philosophia dos Newton, dos Bichat, dos Laplace—Rendons graças á Newton, dis Bichat; il a trouvé le premier le secret du créateur; savoir, la simplicité des causes réunies à la multiplicité des effets.*

e assim por diante formando uma successão continua de relações até chegar á causa final, que não é effeito de nenhuma outra, que é absoluta, e necessaria.

Ha ainda outros meios, que podem dirigir-nos pelo caminho verdadeiro, muito menos seguros, sem duvida, mas que tambem servem, e por tanto não devem ser desprezados; quero fallar das hypothèses para as quaes a medicina tem muita tendencia.

Muitos factos de historia natural, e de medicina tem sido d'este modo descobertos: les hypothèses peuvent parfois enfanter des réalités, dizia Broussais. Não digo, que se-fação sobre o objecto, que desejamos conhecer todas as hypothèses possiveis, como o-imaginou Laplace; o que por demais nos-fatigaria sem proveito, e nos-faria perder um tempo precioso; mas quando as hypothèses estão dentro de certos limites de verosimilhança, abôa razão indica, que não devemos bani-las; e a historia ahí está dizendo, e nós estamos vendo todos os dias, que a observação, e a experiencia confirmão, e sanccionão este methodo. Spallanzani notou, que os mercegos voavão em uma obscuridade profunda, e que no meio d'ella se-guiavão como os outros animaes de vista em presença da luz; e pensando sobre este facto, tomou-o pelo principio razoavel, em que assentou a sua hypothese, de que taes animaes tinham no cerebro um orgão de localidades muito desenvolvido, que poderia guia-los, mesmo em falta dos olhos. Isto era sem duvida uma hypotese; entre tanto a experiencia veio depois confirma-la, como agora veremos: Spallanzani tomou alguns mercegos, tirou-lhes os olhos e conduzindo-os para lugares mui distantes da toca, em que havião sido apanhados, abandonou-os, e elles a-pesar de cegos, e da grande distancia, forão direitos ao lugar d'onde tinham sido arrancados. Na impossibilidade de achar directamente as leis dos phenomenos observados podemos imagina-las razoavelmente, e indagar, se a hypothese dá a razão dos factos; se dá, é verdadeira, se não procure-se outra até encontrar a que sirva. É preciso porem toda a circumspecção, e todo o cuidado no admittir as theorias assim formadas, que se-apresentão no mundo medico, em não da-las logo como verdadeiras, sendo que apenas são ainda provaveis, e mesmo devemos andar de sobre aviso, e armados de uma critica severa para analysarmos as verdades novas; pois que esse espirito de novidade pode fazer-las passar por certas, quando erroneas; sendo como é verdade, que elle tem, e sempre teve grande poder no espirito humano, mormente quando vem de parceria com o maravilhoso, a-dornado do prestigio de um nome celebre, e brilhante de eloquencia, e persuasão.

Grandes genios se tem deixado levar d'esse erro, e d'ahi as theorias falsas, os maos resultados da applicação. O mesmo Bacon, que tanto nos-recommenda de evita-lo, apontando-nos para a observação, e experiencia, como a pedra de toque das theorias, elle, que foi o apostolo do methodo experimental, tambem commetteo a mesma falta, chegando com principios falsos a sustentar contra Galileo a immobildade da terra.

Já hoj'-em dia os desenganos de experientia tem tornado os homens, á quem o estudo é familiar, mui desconfiados em admittir logo do primeiro exame quanto promettem theorias; e os que agora principião a sua carreira de

estados devem a exemplo d'elles aprender a duvidar, o que já é um passo, que se-dá para o caminho da verdade; não quero, que se duvide de tudo a torto, e a direito; mas que se saiba duvidar; que o prestigio dos nomes não sirva de impor aos principiantes; trabalhe a razão de cada um em pesquisar quanto se lhe-apresenta, inda mesmo o que é tido, e havido por evidente; porque do contrario fica vazio o pensamento, e adquire-se o habito de crer, o qual, como diz Cabanis (1), quasi sempre para nós equivale á demonstração.

Uma regra existe, que como preceito se-recommenda não só aos que dão nascimento á hypotheses, senão ainda aos que analysão-nas depois para recebe-las, ou regeita-las; e vem a ser não se deixarem enganar por algumas analogias achadas entre os factos; pois que é quasi impossivel não encontrar alguns caracteres, que se-assemelhem, mesmo nos objectos, que mais differem uns dos outros. Firmadas no testemunho d'essas analogias é que as hypotheses se-apresentão no campo dos debates a pleitear a palma da verdade. E se assim não fosse, ellas não poderião ter uma vida de duração, pois que ninguem quereria recebe-las como artigo de fé, e nem jurar nas palavras de seus auctores, que alem d'isso não exigem crenças, desejão convencer pela razão. Sempre ellas vem coloradas com um motivo mais ou menos provavel. Pode mesmo haver o melhor desejo de acertar, e muita convicção de que se-conseguio esse fim, e entre tanto não ser assim." *Muitas vezes as opiniões mais absurdas devem sua origem ao abuso de algumas observações incontestaveis; e os erros mais grosseiros são as vezes o resultado de certas verdades reconhecidas, ás quaes se-dá uma extensão forçada, e de que se-faz uma ruim applicação* (2). Quem imaginar uma hypothese deve ser dirigido por uma boa fé a toda prova no indagar dos factos, que hão de servir-lhe de base. Infelizmente nem sempre succede assim; alguem tem havido, que imagina hypotheses, toma-lhes amor como a filhas, depois não tem coração para ve-las morrer em presença dos factos, e á tal ponto esse amor oscega, e mais o orgulho, e os preconceitos, que dando de mão aos sentimentos de honra, falta á verdade, molda as observações sobre as doutrinas, desfigura tudo, dá corpo á sua phantasia querida, e engana-nos por vontade. E alguns chegão até a alardear tal baixeza. Um philosopho houve, e, justiça lhe seja feita, muito instruido, que não duvidou afirmar, que era o melhor prazer dos philosophos enganar o genero humano!!... (3)

As theorias admittidas pela analogia, ou hypotheticamente, e pelo methodo synthetico a explicar os factos da sciencia não tem um grao de certeza, que as-torne inabalaveis; é preciso, que a observação de muitos factos, e a experiencia as venhão confirmar; antes d'isso são mais, ou menos provaveis, re-

(1) *Revoluç. da med.* p. 268.

(2) *Idem.*

(3) *Onde está, disse Rousseau, o philosopho, que para gloria sua não engane de boa vontade o genero humano; onde está este, que no interior do seu coração se-proponha á outra cousa, do que distinguir-se; que quer elle senão elevar-se a cima do vulgo, e offuscar o esplendor de seus concurrentes? O essencial é pensar differente dos outros; entre os crentes elle é o theo, entre os atlios seria crente.*—J. J. Rousseau. *Emille*. 4. 4.

cebidas como passageiras, como estaveis não.—E para que recebê-las, essas theorias não provadas, que inda podem ser falsas; para que admitti-las no coração da sciencia? Se as theorias já provadas, as que resultão dos factos reduzidos a principios, são indispensaveis para constituir a sciencia, parece, que as que não tem ainda esse valor de certeza, devião de ser excluidas; entre tanto é muito pelo contrario; porque inda quando uma theoria provavelmente admittida como verdadeira, o não seja; inda quando deva cahir depois em presença do progresso das sciencias, mesmo assim serve-lhes de muito.—

Quando se-tem estabelecido uma hypothese para theorizar a sciencia, ella é como o fio, que nos-guia pelo caminho da observação; para bem observar não basta somente ter olhos, e paciencia, como o-queria um auctor de nome (1); procurão-se os factos segundo a ordem theorica estabelecida, que aliás deve de ser a ordem natural, se a theoria é verdadeira; se taes factos se-não encontrão, e nem as leis, que os devem reger, esse mesmo resultado negativo tem um valor que não é perdido; observão-se outros phenomenos, conhecem-se outras leis. & &. O erro tambem nos-conduz algumas vezes para o descobrimento da verdade.

As theorias em medicina tem sua epoca de predominio, durante a qual muitos serviços lhe-prestão; depois com o caminhar das sciencias essa epoca passa; e então as theorias tornão-se insufficientes, e são substituidas por outras, que tem tambem a sua vez de reinado, e tambem a sua queda, até chegar a verdadeira. E entre tanto quando a theoria cahir, não lhe-desconheçamos os serviços prestados; e nem por sobre ella lancemos o desprezo, como a uma cousa ridicula; não nos-assemelhemos aos que offerecem o incenso da oblação ao poder, para lhe-darem depois o fel da humilhação, quando esse poder se-torna fraco, e essa grandeza vem nivelar-se com a linha commum.

Eu vejo de um lado Platão, Estaahl, e Van-Helmont; d'outro lado Zenon, Epicuro, e Boerhaave na mais completa opposição; espiritualismo sutil, e materialismo grosseiro; um extremo, e outro extremo; cada um com sua theoria, que não é verdadeira, e |cada theoria com seus direitos á gratidão da sciencia.

As ideias archetypas, os moldes divinos de Platão erão resultado de uma abstracção excessiva; mas por elles dirigio-se Aristoteles para as suas formas, e materia; doutrina, que não sendo certa, estava comtado menos longe da verdade. Estudando-a chegou Zenom a descobrir a verdade a respeito das ideias geraes, ou de abstracção. Van-Helmont observou, que a vida em cada orgão era modificada segundo a textura, e disposição das partes d'elle, e que não obstante havia um consenso, ou correspondencia entre todos os orgãos, mesmo modificados como erão em quanto á existencia de cada um; pelo que, tomando por base um dos principios de Galeno, devidio a vida em propria, e particular, ou funcções publicas, e privadas, e deu a cada orgão um principio activo, que denominou—archêo—regulador d'aquelle em que residia, e submettido bem como os demais archêos particulares á um archêo geral, que tinha

(1) Il suffit d'avoir des yeux et de la patience pour amasser des observations.—Bayle.

por côrte o centro epigastrico. Esta especie de republica federativa, á que reduzio o corpo humano *o mais louco de todos os medicos, porem o mais medico de todos os loucos*, como o appellidava Bordeu, não é naturalmente verdadeira, se bem que esteja assente em bases, que são verdadeiramente naturaes, sahidas da observação, e fecundadas por aquelle espirito independente, e rebelde á autoridade dos nomes. Este helmontismo, ou archêismo peccava por não haver alargado as generalidades de suas ideias, e pela multiplicação desnecessaria das causas naturaes, e sobre tudo pela ontologia, que estabelecia, estimando reaes ou independentes dos órgãos esses archêos, que os-região; o que fazia d'esta theoria uma verdadeira mythologia medica.

Não era certa a theoria de Van-Helmont, mas quem ha hi, que ouse affirmar não ter ella feito grandes serviços á sciencia do homem? Essa doutrina preparou o caminho por onde se-dirigio Staahl ao seu *animismo*, que se-oppoz ao paganismo archêal, o qual não sendo exclusivamente certo, nem por isso deixou de favorecer muito a medicina; por mais não fosse, prestando seu contingente de verdade, ou desengano para a doutrina physiologica, que hoje reina no mundo medico quasi sem controversia.

A doutrina de Van-Helmont servio para a sciencia do tempo d'elle, explicou os phenomenos observados; depois quando se-augmentou a massa de observações, quando a sciencia cresceu, tornou-se ella insufficiente, e cahio; mas deixou após de si esse conhecimento da modificação vital nos differentes órgãos, e ainda mais o saber-se que era vã a supposição do archêo, como cousa independente, e real. Cahio o helmontismo, mas foi util, cahio tambem o animismo, e tambem servio, e cahirão por ventura as doutrinas de hoje, e ellas estão servindo, e deixarão signaes de sua utilidade. E o mesmo pudera eu dizer dos materialistas, solidistas, humoristas, e todas quantas theorias tem apparecido na sciencia. E se até mesmo as theorias erradas lhe tem feito serviço, quanto mais as provaveis!

A vista de tudo isso, avalie-se agora se é justo esse odio implacavel contra o espirito de theoria. Aos que dizem que a theoria é dispensavel sempre, e qual quer que ella seja, isto é que a *razão* é desnecessaria para as sciencias, fôra o silencio resposta assisada; aos que dizem, que só deve ella ser o resultado dos factos reduzidos a principios, a resposta ahi fica á cima.

As theorias são pois indispensaveis ao estudo da medicina (1).

Não ha theoria verdadeira tambem disserão os inimigos da razão. A resposta quasi que está dada no que fica dito; pouco acrescentarei.

Nas sciencias ha duas differentes especies de theorias; theorias que já estão provadas, e theorias, que inda estão por provar; verdades, e probabilidades.

A respeito do grao de verdade das theorias, que estão de assento, tem se mostrado alguns muito exigentes, querendo acha-las a toda prova de evidencia;

(1) « Or faut il rapeller que quand la science se traîne peniblement dans les sentiers de l'application, de la pratique materielle, elle tend évidemment à se rabaisser et à devenir, il faut dire le mot puis qu'il est exacte, a devenir un metier? »

e chamando falsas ás que não tem esta condição, a todas por tanto. Não attendem porém ao grau das certezas humanas. Essas theorias, que já passarão pelas provas são, ainda assim, nas sciencias naturaes á que agora me-refiro, verdadeiras em relação á *certeza* dos nossos conhecimentos em geral; não se ha de achar n'ellas a evidencia das mathematicas. O entendimento humano tem certos limites, que não pode vingar; não é dado ao homem conhecer todos os segredos naturaes; e se considerarmos o grande numero de seculos, que tem passado por sobre as gerações, que trabalhão no descobrimento da verdade; se attentar-mos no pouco, que inda sabemos, em relação ao muito, que saber pudemos, e na fraqueza d'isso mesmo que conhecemos por entre duvidas, e incertezas; se imaginarmos em fim o que a natureza tem de grande, e sublime, e que inda lá nos-oculta debaixo dos espessos rebuços de seus mysterios, seremos propensos a crer, que approve á Suprema Intelligencia, que nos-creou, que isso assim mesmo fosse para nosso bem; e que nunca chegássemos a entrar o supremo sanctuario da natureza mysteriosa. A vaidade humana, querendo elevar-se á grandeza das sciencias todas, perde-se, e transvia-se para sempre, justificando o dito do philosopho—*multa sapientia stultitia*. A perfeição é sempre relativa aos fins para que são feitas as cousas; e o fim do homem não é a omnisciencia.

O mais nobre emprego do homem é por sem duvida exercitar sua intelligencia, aperfeiçoa-la continuamente, acercar-se cada vez mais da intelligencia suprema; porem nunca a omnisciencia; essa reservou-a Deos para si como attributo que é de sua grandeza, e supremacia. Assim, não esperemos evidencias, verdades necessarias em os nossos conhecimentos; trabalhemos por dar-lhes um valor cada vez maior; vamos na continua romagem do tempo levar o nosso contingente para o edificio da perfeição; preenchamos nossos destinos; mas não esperemos acaba-los cá na terra. A verdade sem replica, a evidencia, a perfeição lá em cima.

A medicina como sciencia baseia-se em muitas outras, que inda não estão acabadas, em que reina tambem a duvida, cujas theorias não estão todas provadas; a chimica, a anatomia, a physiologia &c. &c. Como então querem exigir d'ella essas evidencias, que nas outras não encontrão? Como vem a physica orgulhosa, e mais a chimica alcinhar de vãs as theorias medicas, querendo tudo explicar com seus tubos, suas bombas, seus cadinhos &c.? Eu lhes-perguntaria á elles, aos homens da physica, e da chimica; por ventura estaes bem de assento nessas bases, que alardeaes de inabalaveis; tendes em vós isso, que quereis nos outros? Descei ao alicerce do vosso edificio, e lá achareis uma força; e uma força o que é? é uma hypothese. Os phenomenos physicos já os-observastes todos; conheceis as suas causas? Esse vosso enxofre, esse azoto o que são? conheceis evidentemente que sejam elementos? não; não conheceis. A vossa certeza, a nossa, a de todos nós homens é uma cousa relativa, que pode mudar como tudo o que é contingente. Deixai pois essas pertençações orgulhosas.

Entendido assim o que seja certeza, não poderão nega-la á muitas das theorias medidas, a menos de não dar accesso á razão.

Outro sim; os phenomenos não são os mesmos nas differentes sciencias; tem muita relação, é verdade, como filhos de irmãs, que ellas todas são; porem não são os mesmos. E para que é então andarem a querer explicar os phenomenos de uma pelas leis de outra? Para que os princípios de hydraulica, de statica, e dynamica, e as leis chemicas hão de dar a razão dos actos da vida, que não são choques physicos, nem projecções, nem combinações, nem affinidades, nem brancos, nem pretos, que são o que elles mesmos são? Se ha chimica, se ha physica na vida é uma chimica differente da outra; é uma physica, que não se-compara com a dos corpos brutos; é physica, e chimica viva.

Ao condemnar as pertenções exclusivas dos chimicos, e physicos não serei eu, que vá cahir no extremo opposto, e formar lindos castellos no mundo da imaginação; não; fugindo a Epicuro não irei abraçar Staahl; quero somente proscrever o exclusivismo, seja elle qual for, a explicar e logo depois a certificar o que se-passa no homem, em que ha cousas tão differentes, e heterogeneas, que lhe-chamarão os antigos microcosmo, ou pequeno mundo, por se encontrar nelle quasi tudo, que contem o universo em geral.

Assim estabelecido, e assentado, que as theorias não se-podem despensar para fazer da medicina uma sciencia, e sabido como devemos forma-las, concordemos em outro ponto, que ha de se ter sempre em muita consideração; é o que diz respeito à applicação.

Se vão errados os que regeitão as explicações, e os que qurem da-las de tudo, formando theorias improvaveis; se isso é muito máo, incomparavelmente mais nocivo é o proceder d'aquelles, que, como a maior parte dos systemáticos, levão á practica as suas phantasias theoricas, e querem, que a natureza as realize, não desanimando á vista dos maos resultados, que fallão contra suas ideias, e attribuindo-os a tudo menos a erro seu. Ha clamorosa deshumanidade da parte de muitos factores de theorias em comprometterem a vida de seus semelhantes, *experimentando* os seus methodos therapeuticos; fallemos claro, ha mais alguma cousa, ha gravissimo crime em attentar d'este modo contra a existencia dos outros. Imagina um individuo, (1) que o sulphato de quinina em alta dose pode curar o rheumatismo articular, ei-lo immediatamente experimentando; dá muitas oitavas d'este medicamento durante o dia a miseraveis doentes; elles parecem aliviados; mas pouco depois morrem todos envenenados por esta substancia! Semelhante proceder passa alem de toda a maldade! É nos hospitaes de caridade, n'esses lugares, para onde a indigencia arroja milhares de infelizes, que tem lugar muitas vezes este abuso terrível da confiança, que o publico depõe no medico.

Desenganem-se por uma vez, que os desvalidos, que implorão a beneficencia publica, tem tanto direito aos cuidados do practico, como os mais graduados da sociedade, e que nunca um homem religioso, e honrado deve olhar para elles como para animaes de experimentação. É de meu dever declarar, que esses taes, que assim obrão, formão felizmente uma diminutissima excepção á

(1) Mr. Briquet. V. R. & S. da ult. edição, t. 1.

numerosa classe dos medicos, que se-destinguirão em todos os tempos pela sua caridade, e seus serviços a bem da humanidade, á quem não hesitão sacrificar a propria vida.

Não infira alguém do que acabo de dizer, que eu quero proscriver inteiramente o methodo experimental no homem vivo; não, eu só quero criminar o excesso; a experimentação no vivo é necessaria, porem não se-deve tentar senão depois de uma theoria *muito provavel*; e ainda assim não se-chegue logo ao extremo; sonde-se pouco a pouco a natureza dos resultados; e para mais segurança fação-se as experiencias primeiro nos animaes, que por sua organização mais se-approximão do homem; e se-possivel for em molestias, que mais se-assemelhem ás d'este.

Em resumo, e para terminar digamos:

Que as theorias são absolutamente necessarias á medicina.

Que das que existem umas já são provadas, outras apenas provaveis.

Que o metho mais seguro de forma-las é o analytico.

Que afóra este methodo pode-se empregar tambem o synthetico, e o hypothetico, e esperar que a observação e a experiencia os-julguem.

Que rigorosamente só se-deve na practica fazer applicação das theorias já provadas; mas que entre tanto é permittido tambem experimentar as outras com muita cautela, e com todas as restricções, de que tenho fallado.

Que o empirismo não deve entrar em conta de sciencia.

Aqui termino o meu trabalho, e muito do coração lamento não poder da-lo menos imperfeito; elle ahi está; indulgencia para os erros do principiante, e bons conselhos para guia-lo.

FIM.

PROPOSIÇÕES.

PHYSICA.—Em diferentes lugares nas mesmas latitudes a temperatura da ar pode ser mui differente.—

BOTANICA.—A agua na vegetação não se limita á um simples vehiculo; ao contrario é tambem um elemento de vida, e fornece suas moleculas a composição da substancia organisada.—

CHIMICA.—Os phenomenos chimicos do organismo não são inteiramente iguaes aos da chimica morta; e sim modificados pelas leis vitaes.—

ANATOMIA.—A linguagem anatomica carece de uma reforma radical.—

PHYSIOLOGIA.—A inconstancia nas mulheres tem sua razão no organismo.—

PATHOLOGIA-INTERNA.—A thysica pulmonar é consequencia de uma alteração do sangue.—

PATHOLOGIA-EXTERNA.—A escutação pelo stetescoPIO é o melhor meio de reconhecer as fracturas duvidosas.—

THERAPEUTICA.—O melhor tratamento, que se pode oppôr a thysica pulmonar é o tonico sabiamente combinado com o antiphlogistico.—

MEDICINA OPERATORIA.—Na operação da catarata o methodo do abai-xamento é o mais seguro, e o que dá melhores resultados.—

PARTOS.—O sopro placentario, e o duplo batimento do coração do feto são signaes evidentes de prenhez.—

MEDICINA LEGAL.—Na maior parte dos casos não se pode dizer com certeza, que um individuo foi estrangulado por suspensão durante a vida só pelo exame do cadaver.—

HYGIENE.—As prescrições penitenciarias da Religiao Christã entrão por muito na conservação da saude, e edificação da moral.—

O celibato do Clero christão não causa grandes males á saude individual, é tem immensas vantagens sociaes.—

CLINICA CIRURGICA.—No engorgitamento das glandulas inguinaes, e nas urethrites, que sobre-vem depois de um coito suspeito, deve-se empregar além do tratamento topico um tratamento mercurial interno, embora não haja nenhum outro symptoma de syphilis.—

CLINICA MEDICA.—As substancias azotadas são as que convém melhor no tratamento da diabetes.—

HIPPOCRATIS APHORISMI.

1.°

Multum et derepente vacuare aut replere, aut calefacere, aut frigefacere, aut alio quocumque modu corpus movere, periculosum est: omne siquidem multum naturæ inimicum. Quod vero paulatim fit tutum est; tum aliás, tum si quis ex altero ad alterum transeat.—Sectio II. Aphorismus 51.—

2.°

Frigida velut nix, glacies, pectori inimica, tusses movunt, sanguinis eruptiones, ac catarrhos inducunt.—Sect. V. Aph. 24.—

3.°

Morbi autem quilibet fiunt quidem in quibuslibet anni temporibus; nonnulli vero in quibusdam ipsorum potius et fiunt, et exacerbantur.—Sect. III. Aph. 19.

4.°

Senes facillime jejunium ferunt; secundo ætate consistentes, minime adolescentes, omnium minime pueri; ex his autem, qui inter ipsos sunt alacriorum.—Sect. 1. Aph. 13.—

5.°

Ubi fames non oportet laborare.—Sect. II. Aph. 16.

6.°

Somnus, vigilia, utra que modum excedentia, malum.—Sect. II. Aph. 3.

Remettida ao Sr. Dr. Magalhães. Bahia 14 de Novembro de 1846.

Almeida.

Esta thèse está conforme os Estatutos. Bahia 20 de Novembro de 1846.

Dr. Vicente Ferreira de Magalhães.

Imprima-se. Bahia 20 de Novembro de 1846.

Almeida,